

cadernos

IHU

em formação

ano 6 nº 37 2010



Mulheres em movimento na contemporaneidade



Cadernos IHU em formação é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que reúne entrevistas e artigos sobre o mesmo tema, já divulgados na revista ***IHU On-Line*** e nos ***Cadernos IHU ideias***. Desse modo, queremos facilitar a discussão na academia e fora dela, sobre temas considerados de fronteira, relacionados com a ética, o trabalho, a teologia pública, a filosofia, a política, a economia, a literatura, os movimentos sociais etc., que caracterizam o Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Cadernos IHU em formação

Mulheres em movimento na contemporaneidade

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos IHU em formação

Ano 6 – Nº 37 – 2010

ISSN 1807-7862

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Profa. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profa. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dr. Gilberto Dupas (*) – USP – Notório Saber em Economia e Sociologia

Prof. Dr. Gilberto Vasconcellos – UFJF – Doutor em Sociologia

Profa. Dra. Maria Victoria Benevides – USP – Doutora em Ciências Sociais

Prof. Dr. Mário Maestri – UPF – Doutor em História

Prof. Dr. Marcial Murciano – UAB – Doutor em Comunicação

Prof. Dr. Márcio Pochmann – Unicamp – Doutor em Economia

Prof. Dr. Pedrinho Guareschi – PUCRS – Doutor em Psicologia Social e Comunicação

Responsável técnico

Antonio Cesar Machado da Silva

Revisão

Vanessa Alves

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

Sumário

Artigo especial

Mulheres em movimento: um não-lugar para elas <i>Élen Cristiane Schneider</i>	4
--	---

Entrevistas

“O mundo com mais mulheres tem menos guerra, menos violência e menos corrupção” <i>Rose Marie Muraro</i>	8
A necessidade de lutar pelo respeito aos direitos das mulheres <i>Clair Ziebell</i>	11
“A crise do masculino se situa na falta de sua nova identidade” <i>Ivone Gebara</i>	13
As mulheres na origem da nova sociedade <i>Alain Touraine</i>	15
O alto preço que as mulheres pagam para ascender no campo profissional <i>Darli de Fátima Sampaio</i>	17
Igualdade de gênero para fortalecer socialmente a ciência e a tecnologia <i>Maria Elina Estábanez</i>	22
Uma mulher que se reinventa e se redescobre <i>Mirian Goldenberg</i>	25
As desigualdades entre homens e mulheres na disputa do poder <i>Ligia Mendonça</i>	30
“Nenhuma mulher está a salvo em uma sociedade patriarcal e misógina” <i>Montserrat Sagot</i>	33
Mulher e sexualidade sob um olhar sociolinguístico interacional <i>Ana Cristina Ostermann</i>	36
Um não-lugar para a mulher <i>Carla Rodrigues</i>	39
“A mulher, talvez, até nem precisasse de um dia especial” <i>Cecília Pires</i>	42
O posicionamento feminino no contexto da cibercultura <i>Adriana Braga</i>	48

Mulheres em movimento: um não-lugar para elas

Élen C. Schneider¹

São muitas as dimensões das desigualdades de gênero, mais diversas ainda são as formas de lutas e resistências, travadas pelas próprias mulheres, em prol da equidade entre mulheres e homens. As mulheres estão em movimento. É justamente esta faceta dinâmica, característica do século XXI, que será demonstrada nesta edição: as mulheres-sujeito que reinventam a história, se (re)descobrem e transformam a si mesmas e a vida social ao seu redor.

Temas recorrentes dos estudos de gênero, como a dominação masculina, feminismo, igualdade e diferença, identidade, são abordados pelas/os entrevistada/os de forma crítica, entretanto, otimista. Trataremos, portanto, de debater esta introdução à leitura em três tópicos guias: uma sociedade de mulheres? (do movimento feminista às reivindicações individuais e subjetivas das mulheres); um não-lugar para as mulheres; e solidariedade entre as mulheres como proteção social.

Uma sociedade de mulheres? Do movimento feminista às reivindicações individuais e subjetivas das mulheres

Alain Touraine, sociólogo francês que realizou importante contribuição sociológica para os estudos de movimentos sociais e da “sociedade pós-industrial”, nos seus livros *O Mundo das Mulheres* (2007) e *Um Novo Paradigma para compreender a sociedade de hoje* (2006), dá destaque

ao papel das mulheres na transformação da sociedade. Trata da origem de uma sociedade com um tipo de cultura não mais caracterizada pela separação dos homens e das mulheres e de um modelo de família com menor dominação masculina. Na entrevista concedida, o autor traz uma dimensão-chave dos seus estudos: a de que as mulheres contemporâneas procuram reunificar os elementos que foram separados na modernidade (vida pública e privada, sexualidade e espírito, entre outros).

A direção em que vão as mulheres no envolvimento com a sociedade é, para Touraine, a de “construção de si própria”. A sexualidade e o corpo têm lugar central nessa transformação social.

A sociedade de mulheres, de que fala Touraine, não é uma sociedade do feminino, mas uma sociedade onde a mulher participa do sujeito tanto quanto o homem, entretanto não mais na forma de dominação sofrida. Esse diagnóstico da situação atual muito tem relação com os movimentos sociais, feministas, de mulheres com conquistas de direitos e especialmente com a inversão do modelo clássico da modernidade.

Se percorrermos, por exemplo, a história do movimento feminista, que reivindicava a igualdade e, mais tarde, a menos de três décadas, dos “novos” movimentos feministas e de mulheres, chegaremos à atual reivindicação por diferença e por direitos. Nesse sentido, *Clair Ziebell* contribui, na entrevista que concedeu, com sua experiência pessoal nos movimentos de mulheres, trazendo

¹ Élen C. Schneider é mestranda em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realiza pesquisa sobre as mulheres e o trabalho, com ênfase no trabalho informal e no trabalho associativo. Correio eletrônico: elen_schneider@yahoo.com.br

um breve histórico do movimento feminista e do movimento de mulheres no Brasil e sua relação com os direitos conquistados pelas mulheres.

Rose Marie Muraro, com suas obras e vida tão significativas para os movimentos feministas no Brasil, relaciona, na sua entrevista, a possível crise do masculino e o movimento feminista. Reflete sobre o movimento feminista na atualidade e sobre a mulher contemporânea. Muraro visualiza futuramente uma sociedade que prefere não chamar “de mulheres”, mas uma *sociedade andrógena*, em que homem e mulher terão o mesmo protagonismo em vida mais pacífica e menos corrupta.

A mulher com mais autonomia é fruto das transformações da sociedade (uma sociedade de mulheres, talvez) e essas mudanças implicam, necessariamente, outras. Para *Ivone Gebara*, é a partir das mulheres que as mudanças têm acontecido: o avanço no conhecimento de si próprias, sua intimidade, sexualidade, genitalidade, desejos. É um momento de crise, em que a cultura mostrará que uma nova relação entre homens e mulheres está emergindo. A questão é que nessas mudanças da identidade submissa e dependente das mulheres (e, também, queda da dominação masculina) e, conseqüentemente, afirmação e busca de novas identidades, há insistência para que os homens redefinam também suas identidades. Entra-se num período de falta e de crises nas estruturas construídas socialmente e relacionalmente, como família, educação, subjetividades, entre outras.

Para a antropóloga *Mirian Goldenberg*, uma das conseqüências das mulheres tornarem-se mais independentes (em especial economicamente) é que podem romper com uniões indesejadas. Com isso, há uma mudança dos modelos familiares, portanto, o fim da família e do casamento como os conhecemos até agora. A atenção ao corpo e ao erotismo é igualmente geradora das mudanças familiares. Os papéis são deslocados e fragmentados, e as mulheres avançam para novos lugares na sociedade. Frente a essas mudanças, a questão central na discussão sobre a igualdade de gênero, segundo a entrevistada, refere-se ao papel masculino em relação à paternidade.

Um não-lugar para as mulheres

É com as mudanças familiares que as mulheres que buscam lugares de ascensão profissional precisam, muitas vezes, deparar-se. *Darli de Fátima Sampaio* traz uma importante dimensão das transformações após a inserção das mulheres no “mundo do trabalho”: a relação do lugar de trabalho e do lugar no ambiente doméstico passa a ser uma temática pautada pelos movimentos sociais de mulheres e pelas estudiosas da economia doméstica. A denúncia e as situações encontradas são, geralmente, de um cotidiano desigual vivido pelas mulheres.

Modificar o processo de socialização é questão sugerida pela autora como urgente para que as transformações, rumo à maior equidade de gênero, sejam viáveis. Reconhecimento e valorização profissional fazem parte da luta desafiadora de futuro que as mulheres ainda têm pelo caminho. Com resiliência, entretanto, as mulheres possuem capacidade de seguir sempre em frente, seja no trabalho, seja frente à situação de desemprego, elas buscam e inventam alternativas, segundo Sampaio. Porém, ainda optam por abrir mão dos seus sonhos pessoais (e profissionais) frente às dificuldades de conciliar (humanamente) as tarefas da casa, o marido, espaços pessoais, os filhos – e os compromissos que envolvem sua criação. Ainda é preciso alterar a relação de poder existente no ambiente doméstico, para que não seja um lugar (de responsabilidades) somente de mulheres.

Para *Ligia Mendonça*, tratar das posições ocupadas pelas mulheres no poder é essencial para perceber os espaços que vêm sendo ocupados por elas. Mendonça debate este tema abordando, em perspectiva histórica, a presença das mulheres nos espaços de poder político partidário, nos movimentos sociais organizados e as conquistas a partir dessas inserções.

Maria Elina Estébanez trata da inserção das mulheres no campo da ciência e tecnologia conjuntamente com a da socialização na infância – que pode ser orientadora das escolhas e preferências futuras. O ambiente doméstico é também questão-chave para Estébanez quando se fala da inserção profissional das mulheres. Conciliar a

maternidade com a vida profissional é diferente de conciliar a paternidade e a vida profissional. Isso implica, frequentemente, em menos produtividade e mobilidade por parte das mulheres, que, muitas vezes, delegam a outras mulheres os cuidados com os filhos e a casa.

Para a entrevistada, a igualdade de gênero é, em si mesma, um objeto de desenvolvimento social. A conjugação das diferentes formas de olhar, nesse sentido, pode ser muito interessante para o fortalecimento da ciência e da tecnologia.

Segundo pontua *Carla Rodrigues*, o momento ideal da equidade de gênero será quando as mulheres estiverem ocupando os espaços que quiserem ocupar, quando não houver mais preocupação em determinar “um lugar para a mulher”. Para reflexão de uma construção histórica dos lugares ocupados, Rodrigues aponta desde a filosofia política a autores/as contemporâneos/as, constatando a importância de reconstruir, a todo o momento, o pensamento científico e as noções de gênero, em especial a partir da diferença.

Solidariedade entre as mulheres como proteção social

Enquanto as mudanças não dão conta de alcançar todas as mulheres, pois, persistem os casos de violência doméstica, desigualdades no mercado de trabalho e em tarefas do cotidiano, a solidariedade entre as mulheres (nas relações de proximidade ou em espaços coletivos) funciona como lugar de proteção, ou de alívio do cotidiano, e de troca, em partilha solidária das experiências de vida.

Em uma sociedade capitalista, que ainda se alimenta de raízes patriarcais e misóginas, as formas de violência entre as pessoas em situações desiguais dificilmente cessarão. Sem dúvida, neste contexto, como *Montserrat Sagot* pontua: “nenhuma mulher está a salvo”. As diferenças econômicas e educativas entre as mulheres não têm impedido acontecimentos lastimáveis, quando se trata, por exemplo, de violência contra a mulher. Sagot alerta para como a violência pode ser fruto de uma sociedade construída sobre hierarquias

sociais. A violência, nestas sociedades, passa a ser uma das formas mais estendidas para o exercício de controle e dominação. A solidariedade entre as próprias mulheres (no acolhimento e no aconselhamento) é fonte de resistência à violência e à opressão.

Como as pessoas se comunicam no mundo é a intenção da pesquisa realizada por *Ana Cristina Ostermann* no processo de humanização do SUS (Sistema Único de Saúde). Verifica o quanto há atraso na percepção de que a linguagem é elemento constituinte de um processo de mudança nas formas de sociabilidade e nas relações. Com alguma perspectiva feminista, Ostermann contribui em sua pesquisa para que as mulheres percebam que podem ter controle sobre o seu corpo, fazendo as escolhas e opções que entendem ser as melhores para elas mesmas. A comunicação e a informação têm papel protagonista nestas mudanças, assim como os espaços de troca e partilha das informações e vivências pessoais.

A mulher hoje, se é que se pode falar no singular, é, para *Cecília Pires*, um sujeito que chegou a um lugar social histórico de reconhecimento. A mulher contemporânea se traduz por ser um sujeito consciente de si mesmo, sua identidade, seus direitos, perspectivas de vida, trabalho e realização. Entretanto, há muitas coisas a serem resolvidas, visto que na maioria das culturas ainda há submissão e exclusão social, na forma de papel secundário ocupado pelas mulheres na vida social. Essa ambiguidade é trazida na entrevista, no intento de demonstrar que o caminho não é reivindicar uma identidade masculina já construída, e sim inventar um novo convívio de partilha, entre homens e mulheres, entre mulheres e mulheres e entre homens e homens.

Para não concluir...

É questão central, no processo de construção de uma maior equidade entre homens e mulheres, discutir, nas pautas dos movimentos sociais, nos espaços de planejamento pedagógico, no ambiente doméstico, entre outros, formas alternativas de educação e de processos de socialização que sig-

nifiquem uma mudança cotidiana e, em longo prazo, estrutural. Há que se pensar o quanto a emancipação das mulheres (e homens) é dependente de novas formas de racionalidade que não de ser geradas. O capitalismo atual reproduz um modelo de viver que é também reproduzido como o masculino ideal, incentivando valores como a competição, o uso da força, a conquista do poder, conquista de hierarquias dominantes que decidem pelas majorias (e se poderia, ainda, citar muitos outros). É difícil visualizar uma completa emancipação dentro do círculo político e econômico que nos encontramos.

O desafio está em reparar a história passada, associar o mundo do pensamento também ao feminino. Isso significa, sem dúvida, alterar matrizes de pensamento formadoras da vida em sociedade, economia e filosofia. Pressupõe a valorização de um sistema econômico e de uma vida social com menos competição, menos uso da força, poder e violência, menos destruição dos recursos naturais, mais cuidado e solidariedade. As mulheres, nas suas sabedorias de viver, têm contribuições valiosas para estas mudanças, há gerações cuidam das pessoas em seu entorno, umas das outras e dos espaços que habitam.

Frente a todas as dificuldades, que fazem par com as mudanças positivas, cabe não esquecer que, usando as palavras de Touraine (2007, p. 89): o inimigo principal das mulheres não é o “homem dominador”, mas sim “a ideia de que a vida social e política deva ser separada da vida privada”.

O sujeito-mulher da contemporaneidade é o que luta contra a dominação que quer destruí-lo (TOURAINÉ, 2007, p. 51). Entretanto, a mulher sujeito não é uma portadora de superpoderes, uma deusa, mas um ser humano que cria, com muita dificuldade, as relações entre seus vários papéis sociais e lugares de atuação, dos quais não pode se desfazer. Mesmo assim, gera sua relação consigo mesma, reconhece a si, e carrega esperança que pode mudar e contribuir na vida de outras pessoas.

A luta das mulheres contra as formas de dominação que as submetem há muito existe. Antes era combate invisível, que, no passado, garantiu a

sobrevivência de muitas mulheres, conduzida por estratégias sutis no cotidiano, realizada, na maioria das vezes, em solidariedade com outras mulheres, no silêncio das residências. Mais tarde, esteve presente no nascimento dos movimentos feministas, na conquista por direitos, nos movimentos de mulheres, nas mulheres que buscavam estudos e trabalho. Hoje parece movimentar mudanças tão diversas e inventar subjetividades, histórias de superações e de descobertas. As mulheres (e muitos homens) sabem como se trilha o caminho da superação e o aprenderam caminhando e o ensinando umas as outras.

Chegamos à guisa de conclusão, desejando a todas e todos uma proveitosa leitura, arriscaria: iniciemos uma escuta mais atenta às mulheres! Entretanto, com outras disposições para ouvir, olhar e sentir, daquelas mais habituais. O trajeto anterior a percorrer para alcançar as novas disposições é o de desvelar as desigualdades, discriminações e violências a que estão submetidas ainda muitas mulheres. A capacidade de reconhecer seus sofrimentos, suas lutas, estratégias e maneiras de ser e viver tão diversas é a linha de chegada. Mas, apenas com o entendimento de que não há justiça social na vida que se partilha entre os homens e mulheres atualmente, já teremos um bom começo.

Referências

- BUTLER, Judith. “Variações sobre Sexo e Gênero”. Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, Seyla, CORNELL, Drucilla. *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- PERROT, Michele. *As Mulheres ou os silêncios da História*. Bauru, SP: Edusc, 2005.
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- TOURAINÉ, Alain. *Um Novo Paradigma: Para Compreender o Mundo de Hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- _____. *O mundo das mulheres*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

“O mundo com mais mulheres tem menos guerra, menos violência e menos corrupção”

Entrevista com Rose Marie Muraro²

Uma de nossas entrevistadas da edição desta semana é a escritora Rose Marie Muraro. Formada em Física e Economia, Rose Marie publicou diversos livros, entre eles, sua biografia *Memórias de Uma Mulher Impossível*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1999. Nos anos 1970, foi uma das pioneiras do movimento feminista no Brasil. Suas ideias refletem-se na vida pessoal desta mulher, mãe de cinco filhos e avó de doze netos, frutos de um casamento de 23 anos.

Confira a entrevista concedida por telefone para a **IHU On-Line**:

IHU On-Line – Qual o papel, a função do masculino na sociedade hoje? Podemos dizer que ele está em crise?

Rose Marie Muraro – Acho que está. Houve um avanço enorme da mulher, que detinha, em 1970, 35% da força de trabalho mundial e hoje representa cerca de 50%. Há regiões que têm mais mulheres na força de trabalho do que homens. Há outros lugares, principalmente no Brasil, como o movimento universitário, onde há 60% de mulheres e 40% de homens. Além disso, existem várias presidentes da república no mundo. Isso é muito novo para os homens. Eles, em geral, não estão lidando bem com essa novidade, principalmente os mais velhos. Quem está lidando bem são os mais novos, que já nasceram dentro dessa realidade. Principalmente, porque muitas firmas despedem homens que têm salários mais altos para pôr mulheres que têm salários mais baixos e a mesma competência. Para a mulher, ter mais anos de es-

tudo não significa maior salário. Ela abaixa a renda da massa salarial de toda a classe trabalhadora.

IHU On-Line – O feminismo tem a ver com a crise do masculino?

Rose Marie Muraro – Tem. O feminismo não é o que as pessoas pensam. O feminismo é só um movimento organizado das mulheres, mais nada. Não tem nada a ver com o plano pessoal da mulher contra o homem, mas sim da mulher contra o sistema. Em geral, as mulheres e os homens se dão muito bem. E a mulher já está questionando o machismo do homem no plano pessoal, e isso está caminhando bastante. Então, vejo uma diferença enorme dos anos 1970, quando eu comecei a militar, para cá.

IHU On-Line – Quais as diferenças entre movimento feminista e movimento de mulheres? Como se caracteriza o movimento de mulheres como movimento social?

Rose Marie Muraro – Existem vários movimentos de mulheres que não são feministas, que não têm a mulher como foco. Por exemplo, movimento de donas de casa, pelo meio ambiente, pela paz. Existe, inclusive, movimento de mulheres para levar cafezinho para os homens nas reuniões. No entanto, movimentos enfocando a condição da mulher, por definição, são feministas.

IHU On-Line – Quais os pontos fundamentais na discussão sobre a questão do corpo das mulheres em função dos avanços da ciência

² Entrevista concedida à Revista **IHU On-Line** de 05 de março de 2007.

e da tecnologia? Quais os impactos disso para a autonomia da mulher como ser social?

Rose Marie Muraro – A grande autonomia das mulheres veio com a pílula anticoncepcional e a pílula do dia seguinte. Com isso, a mulher pela primeira vez, em dois mil anos, desliga a sexualidade da maternidade. Este foi o grande avanço que permitiu a autonomia, o estudo e o controle do corpo. O resto é secundário. A fertilização *in vitro* é algo secundário diante disso. A partir da pílula e dos métodos anticoncepcionais, nos anos 1960, é que aconteceu todo o movimento de autonomização da mulher e o fato de ela se tornar o sujeito maior da história. Produção independente de filhos sempre houve depois dos anos 1960.

IHU On-Line – Quais as principais correntes feministas hoje?

Rose Marie Muraro – Eu não conheço correntes feministas. Há movimentos feministas que tratam mais da política, movimentos feministas que tratam mais da ligação da mulher com a sustentabilidade do meio ambiente e outros que tratam da condição da mulher, principalmente do problema da violência, que é o problema básico da sociedade humana. Refiro-me à violência doméstica, dos pais sobre as crianças e do homem sobre a mulher, que originam a violência do homem sobre o homem. Na Pré-História, enquanto não houve a violência da sociedade contra a mulher, não houve guerras. Quando começou a violência contra a mulher, que é a primeira de todas, porque a mulher era mais fraca que o homem, aí começa a violência dos mais fortes contra os mais fracos. E a causa disso é que a criança aprende, desde que nasce, que uns apanham e outros batem. E isso não é coisa pequena. Eu estava nos Estados Unidos, em 1988, quando se fazia uma pesquisa representativa da nação americana, com a qual se descobriu que 66% de todas as mulheres, ou apanhavam, ou tinham apanhado de pais ou de mari-

dos. A grossa maioria das mulheres apanha. E isso legitima a violência do homem contra o homem. É natural que o homem seja mais violento contra a mulher, então é natural que seja mais violento contra o homem. Tratar da violência contra a mulher é tratar da violência do homem contra o homem. A Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, quando fez a lei Maria da Penha³, sobre a violência doméstica, tornando-a crime hediondo, fez um trabalho incrível. Esse tema está muito difundido na sociedade, e a mulher hoje sabe que ela não deve apanhar. Não é mais como o Nelson Rodrigues⁴ dizia, que mulher gosta de apanhar e só as neuróticas reagem. Hoje, todas as mulheres somos neuróticas, porque reagimos em favor da justiça.

IHU On-Line – Qual a principal reivindicação da mulher de hoje?

Rose Marie Muraro – O que ela reivindicou sempre: salário igual por trabalho igual e igualdade de oportunidades. Aliás, isso está acontecendo onde há possibilidade. Eu sei de um caso de concurso público para residentes médicos que houve aqui no Rio de Janeiro. Havia sete vagas e em torno de 200 concorrentes. Venceram um homem e seis mulheres. No lugar em que o mérito é da mulher, ela ganha. No lugar em que a ideologia diz quem vai entrar na vaga, quem entra é o homem.

IHU On-Line – Com cada vez mais protagonismo feminino, como seria uma sociedade de mulheres?

Rose Marie Muraro – Não vejo uma sociedade de mulheres, o que seria uma perversão. Eu vejo uma sociedade com igual participação de homens e mulheres. A natureza fez o homem e a mulher. Falar de uma sociedade em que a mulher seja hegemônica, é trocar o sinal da dominação de mais por menos, então não muda nada. Eu vejo uma sociedade andrógina, em que homem e mulher

³ A Lei da Maria da Penha foi sancionada em 7 de agosto de 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Dentre as várias mudanças promovidas pela Lei está o aumento no rigor das punições das agressões contra a mulher. A Lei entrou em vigor no dia 22 de setembro de 2006, e já no dia seguinte o primeiro agressor foi preso, no Rio de Janeiro, após tentar estrangular a ex-esposa. O nome da Lei é uma homenagem a Maria da Penha Maia, que foi agredida pelo marido durante seis anos. A Lei altera o Código Penal Brasileiro e possibilita que agressores sejam presos em flagrante ou tenham sua prisão preventiva decretada. (Nota da **IHU On-Line**).

⁴ **Nelson Falcão Rodrigues** (1912-1980) foi um importante dramaturgo, jornalista e escritor brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

tenham o mesmo protagonismo, uma sociedade mais pacífica, menos corrupta. Há um estudo do Banco Mundial que mostra uma correlação significativa entre a entrada da mulher no mercado de trabalho e a diminuição da corrupção. Esse estudo foi feito em 121 países. Essa é uma das coisas mais importantes que eu já vi na minha vida. O mundo, quando tem mais mulheres, tem menos guerra, menos violência e menos corrupção.

Vale lembrar aqui que a revista *The Economist*, uma publicação econômica machista, em setembro de 1996, disse que o século XXI seria o sé-

culo da mulher, mostrando que o maior altruísmo da mulher é que pode ajudar a salvar o mundo todo desse problema de meio ambiente, de excesso de corrupção. Na União Europeia, havia 20, 30 países que guerrearam durante 1.500 anos, agora, para enfrentar os Estados Unidos, eles se chamam União Europeia. O mundo vai ter que ser solidário “na marra” para vencer o inimigo comum, que é o aquecimento global, a falta d’água, que vem da ganância dos mais fortes, para ver se é possível reverter esse processo.

A necessidade de luta pelo respeito aos direitos das mulheres

Entrevista com Clair Ziebell⁵

Clair Ribeiro Ziebell é professora no curso de Serviço Social da Unisinos. Ela foi coordenadora da Assessoria a Movimentos de Mulheres da Unisinos. Clair possui graduação em Serviço Social pela Universidade Católica de Pelotas e mestrado em Educação pela Unisinos, tendo sua dissertação o título *Mulheres na luta por educação: qual protagonismo?*. Tem experiência na área de Serviço Social, atuando principalmente nos temas de educação, mulheres e movimentos sociais.

Na entrevista que concedeu por e-mail para a revista **IHU On-Line**, a assistente social fala sobre o projeto encerrado no ano passado e sobre como ela vê o protagonismo das mulheres na sociedade contemporânea com base em sua experiência.

IHU On-Line – Em que sentido a assessoria a movimentos de mulheres, coordenada por você, mostrou a realidade das mulheres de nossa sociedade? Como o trabalho, na prática, ajudou a caracterizar as mulheres de nossos dias? Elas são as protagonistas de nossa sociedade?

Clair Ziebell – Em São Leopoldo, acompanhamos, via assessoria do Serviço Social, na extensão/Unisinos, muitas mudanças nos movimentos de mulheres na defesa da cidadania e na cidade. Elas provêm das classes populares e buscam superar a desigualdade social e a pobreza vividas no cotidiano. O desvelamento da questão social mais ampla e do lugar ocupado pelas mulheres nesse contexto foi mediado pela metodologia da educação popular e feminista. Assim sendo, privilegamos a problematização das questões específicas

explicitadas por elas. Partindo da percepção mais aparente que tinham da realidade fomos, processualmente instrumentalizando-nos pela ação e pela reflexão, pela investigação permanente, para desvendar os nexos, as relações com o contexto mais amplo.

Aperfeiçoamos o que chamamos de “pedagogia dos encontros”, experiência advinda das CEBs, como mediação para a organização coletiva, resultando dessa trajetória, na constituição e incubação do Fórum de Mulheres de São Leopoldo (FMSL) que atualmente vem protagonizando lutas em torno de políticas públicas mais inclusivas, integrando as perspectivas de gênero e raça/etnia na proposição e controle social das políticas em andamento. Fundado em 2000, o FMSL foi nossa prioridade estratégica. O movimento atua na defesa e proteção contra a violência, a educação não-sexista, igualdade de gênero no trabalho e na família e demais instâncias sociais, direito à participação política e a um novo exercício do Poder. Essa assessoria ao FMSL recebeu ainda importantes aportes de nossa inserção em redes nacionais (Rede Mulher de Educação – RME/SP) e internacional (Rede de Educação Popular entre mulheres para América Latina e Caribe – REPEM/Montevidéu).

Concluindo, nós mulheres somos importantes protagonistas, assim como os homens e demais pessoas que procuram incidir nos rumos que nossas sociedades devem tomar. No caso específico das mulheres, os limites ainda são muitos. Temos que forjar mulheres e homens capazes de sonhar, imaginar e construir um outro jeito de ser e de vi-

⁵ Entrevista concedida na Revista **IHU On-Line** de 05 de março de 2007.

ver, garantidor da vida para as atuais e futuras gerações.

***IHU On-Line* – Quais as principais correntes feministas hoje?**

Clair Ziebell – Acredito que a corrente liberal ainda é mais forte do que queremos admitir e influencia boa parte das ações feministas. As demais correntes existentes, como as marxistas/socialistas, incidem em grupos mais orgânicos e ligados a partidos políticos ou movimentos sociais mais amplos, como a marcha mundial das mulheres e os movimentos pela terra. Se formos pensar em novidade, teríamos o eco-feminismo, que, para alguns setores, parece trazer respostas para a preservação do planeta, quem sabe apon-

tando para o eco-socialismo como esperança de tempos melhores.

***IHU On-Line* – O que a mulher de hoje mais reivindica?**

Clair Ziebell – As pautas mais reivindicadas atualmente na América Latina e Brasil, no âmbito macro, giram em torno da defesa do desenvolvimento sustentável e da consequente incidência de gênero na economia, da superação da visão antropocêntrica na economia e na política. A liberdade sexual e reprodutiva e a redução da pobreza e da violência doméstica e de gênero se destacam. Em síntese, ainda há necessidade de muita luta para que realmente os direitos humanos das mulheres sejam respeitados.

“A crise do masculino se situa na falta de sua nova identidade”

Entrevista com Ivone Gebara⁶

A teóloga Ivone Gebara, paulistana, é doutora em Filosofia pela Universidade Católica de São Paulo e em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Ela lecionou durante 17 anos no Instituto de Teologia do Recife, até sua dissolução, decretada pelo Vaticano, em 1989. Atualmente, vive e escreve em Camaragibe, Pernambuco. Percorre o Brasil e diferentes partes do mundo, ministrando cursos, proferindo palestras sobre hermenêutica feminista, novas referências éticas e antropológicas e os fundamentos filosóficos do discurso religioso. Tem vários livros e artigos publicados em português, espanhol, francês e inglês, entre eles *As Incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1989; e *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis, Vozes, 2000.

A seguir, a entrevista que Ivone Gebara concedeu à **IHU On-Line**, por telefone, na qual falou sobre a caminhada das mulheres e o movimento feminista nos últimos tempos e o que isso provocou na sociedade e nas igrejas.

IHU On-Line – Fazendo um balanço das lutas das mulheres pelo reconhecimento de seus direitos e de sua dignidade, o que as mulheres têm para comemorar, reivindicar e lamentar neste dia 8 de março?

Ivone Gebara – Uma das coisas mais importantes para o movimento feminista no Brasil é que nós não abandonamos a busca pelos direitos das mulheres e pela afirmação da nossa dignidade. Por exemplo, nós aprovamos a lei Maria da Penha e agora estamos com uma luta importante com os

meios de comunicação, que têm veiculado imagens extremamente distorcidas das mulheres, particularmente das feministas. Enfim, eu faço um balanço positivo, no sentido de que, apesar de tantos senões à luta feminista, nós estamos fortes, estamos com essas bandeiras intensamente mobilizadoras da sociedade.

IHU On-Line – No atual contexto sociocultural, constatamos a emergência de uma nova subjetividade e autonomia das mulheres. Como a senhora vê esta questão num cenário de fragilização dos laços sociais e afetivos? Os homens estão preparados para lidar/se relacionar com este novo tipo de mulher?

Ivone Gebara – As mulheres avançaram muito no conhecimento delas próprias, no conhecimento da sua intimidade, da sua sexualidade e genitalidade, dos seus desejos e, de repente, elas se dão conta de que os homens não fizeram e não quiseram fazer esse processo. Sem dúvida, os choques de relacionamento entre mulheres e homens e a precariedade das relações é muito mais presente hoje. Acho que essa nova subjetividade feminina, que é emergente tanto no mundo das intelectuais e, sobretudo nesse mundo, também está aparecendo no mundo popular e no mundo das elites femininas. A fragilização do masculino e o questionamento da identidade masculina também estão aparecendo. Então, tenho visto que essa identidade do masculino como o provedor, o chefe, o que sabe, o que comanda a sociedade, continua, mas cada vez mais as mulheres têm sido críticas dessas pretensões de poder. Acredito que estamos num

⁶ Entrevista concedida na Revista **IHU On-Line** de 05 de março de 2007.

momento crítico e que, lentamente, a cultura vai nos mostrar que um novo relacionamento entre mulheres e homens está emergindo.

IHU On-Line – Quais os principais desafios que o feminismo coloca hoje à masculinidade ou às diferentes formas de se compreender e viver a masculinidade? Em outros termos, em que consiste a crise da masculinidade em meio aos desdobramentos dos movimentos feministas?

Ivone Gebara – A primeira questão da crise do masculino é que, ao mudarmos, nós, a nossa identidade submissa e dependente, ao deixarmos, nós, mulheres, de nos identificarmos como seres *para e*, nesse sentido, seres para os homens, para a família patriarcal, nós já estamos, ao afirmar nossa nova identidade, nossa busca de identidade, insistindo para que os homens entrem nesse processo de redefinição de sua identidade. O sexo forte, o sexo masculino, o gênero forte, masculino, só é forte e dominador na medida em que nós aceitarmos a dominação. E como nós não estamos mais aceitando o paradigma da dominação, eles estão em crise. Hoje em dia, a crise do masculino se situa numa espécie de falta de nova identidade do masculino. Isso tanto do ponto de vista das relações sociais quanto do interior das igrejas.

IHU On-Line – As teorias feministas e o movimento feminista tiveram um significativo desenvolvimento nos últimos anos e se desdobraram em diferentes perspectivas. Como a senhora avalia o impacto das teorias feministas e das reivindicações das mulheres no mundo acadêmico? E na teologia?

Ivone Gebara – Do ponto de vista da antropologia, da sociologia e da psicologia, talvez as teorias feministas tiveram um espaço maior no mundo acadêmico. Mas não estou convencida disso. Tenho a impressão de que também a psicologia, a psicanálise, a sociologia e a antropologia feministas não foram bem acolhidas pelo mundo acadêmico dominado pelos homens. E a teologia feminista não foi de forma alguma. Ela ficou como um apêndice, como um cursinho, uma matéria a parte que se dá em muitos institutos de teologia. Esses, quando vão falar de teologia feminista, ti-

ram o “feminista” e insistem em falar em “teologia feminina”, ou dizem que a teologia feminina não tem lugar, porque teologia é teologia, não existe teologia feminina e masculina. Mas sabemos que a teologia é masculina. Então, o impacto do feminismo no mundo acadêmico e, especialmente, da teologia, foi pouco significativo, mas, por sua vez, o feminismo e a teologia feminista tiveram um impacto maior nos movimentos sociais e muito particularmente nos movimentos de mulheres.

IHU On-Line – Em sua opinião, o que sustenta as mulheres, especialmente as mulheres desprivilegiadas em nossa sociedade, em suas lutas e resistências cotidianas? De onde tiram sua força?

Ivone Gebara – A grande força mobilizadora das mulheres é o próprio sofrimento no qual elas vivem. Não imaginemos que há uma força extraordinária, que vem do alto, ou da academia, ou dos governos. Mas a grande força das mulheres se localiza no sofrimento do seu próprio corpo. Não dá para aguentar ficar nas filas dos hospitais esperando atendimento. Não dá para aguentar ser violada e violentada continuamente dentro de casa. Não dá para aguentar viver sempre submissa às ordens de uma igreja que privilegia muito mais os corpos masculinos. A grande força das mulheres está naquilo que se percebe: o sofrimento feminino é aumentado por conta de uma estrutura socioeconômica e política que privilegia, primeiro, uma elite e, segundo, uma elite masculina. Não abre a possibilidade para relações de igualdade de gênero. A força que sustenta as mulheres é a dor coletiva, é a solidariedade coletiva na mesma dor e a esperança coletiva de tentar vencer esses sofrimentos, que não são abstratos, são sofrimentos concretos. O que sustenta, por exemplo, a luta das empregadas domésticas para não morar no emprego, para ter uma casinha digna, é o fato de ela ter sofrido no seu próprio corpo que o espaço que lhes é dado é sempre o pior espaço, com as piores condições dentro de uma casa ou um apartamento. É o próprio corpo que é o mobilizador das lutas, é o sofrimento do corpo que é mobilizador para que a mulher busque estados e situações de conforto com maior esperança.

As mulheres na origem da nova sociedade

Entrevista com Alain Touraine⁷

Falar sobre o papel das mulheres na sociedade contemporânea não é missão difícil para o sociólogo francês Alain Touraine, autor do livro *Le Monde des Femmes*. Paris: Fayard, 2006, no qual ele fala da “sociedade de mulheres” onde “o tema da sexualidade ocupa o lugar central, que era antes, na sociedade industrial, o trabalho”. O desafio é “compreender por que as mulheres estão na origem da nova sociedade e da nova cultura que se forma sob nossos olhos”. Segundo Touraine, “são as mulheres que inventaram uma sociedade situada além da separação dos homens e das mulheres”. Por essa razão, a **IHU On-Line** entrevistou, por e-mail, o renomado autor de *Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje* (Petrópolis: Vozes, 2006).

Touraine tornou-se conhecido por ter sido o pai da expressão “sociedade pós-industrial”. Ele acredita que a sociedade molda o seu futuro através de mecanismos estruturais e das suas próprias lutas sociais. O ponto de interesse vital da sua carreira tem sido o estudo dos movimentos sociais. Em seus escritos, Touraine aponta para as transformações pelas quais a sociedade moderna e industrial vem passando. Para Touraine, a sociedade pós-industrial, longe de acabar com os conflitos, generaliza-os. É autor de, entre outros, *A sociedade pós-industrial* (Lisboa: Moraes, 1970).

IHU On-Line – Como se deu a evolução do movimento feminista através da história e qual foi o papel e a função do movimento de mulheres na atualidade?

Alain Touraine – O movimento feminista foi inicialmente político, para obter o direito de voto

para as mulheres. A Grã-Bretanha foi o centro mais ativo dessas lutas. Em seguida, o objetivo principal se tornou a liberdade cultural da mulher, em particular naquilo que concerne ao seu corpo. Os sucessos obtidos foram consideráveis, por exemplo, na França, com as leis Neuwirth, da contracepção, e Veil, do aborto. Mais recentemente, o tom se tornou mais pessimista com as campanhas contra a desigualdade e, sobretudo contra as violências sofridas pelas mulheres. Alguns economistas pensam mesmo que, em matéria profissional, a posição das mulheres recuou.

IHU On-Line – Quais são os principais impactos para a autonomia da mulher, como ser social, dos progressos da ciência e da tecnologia?

Alain Touraine – As descobertas da biologia permitiram evidentemente o controle da fecundidade. No entanto, é cada vez menos por referência ao feminismo que se desenvolve o debate sobre essas tecnologias da reprodução. Basta mencionar a oposição extrema da Igreja Católica.

IHU On-Line – Quais são os maiores anseios da mulher contemporânea? O que ela deseja mais fortemente?

Alain Touraine – Esta questão é bem-vinda, pois a gente não pode se satisfazer com uma visão puramente negativa, quer dizer, de uma luta contra os danos sofridos, que faz da mulher uma pura vítima. Os debates legislativos ou jurídicos não devem esconder o que me parece o essencial. As mulheres adquiriram hoje uma posição dominante numa nova posição da cultura. Elas já des-

⁷ Entrevista concedida à Revista **IHU On-Line** de 05 de março de 2007.

frutavam do papel principal no movimento por um desenvolvimento durável e na defesa do meio ambiente (Cf. M. Brundtland⁸). Mas, de maneira não-espetacular, porém durável, as mulheres desenvolvem uma nova visão para elas próprias e para os homens, à qual estes últimos não se opõem. Poder-se-ia falar de pós ou neofeminismo para falar destas mudanças que me parecem fundamentais. A sociedade dos homens tende a dar a prioridade à conquista do mundo. As mulheres envolvem totalmente a sociedade em direção a uma nova prioridade, a da construção de si própria. Mais precisamente, quando a sociedade masculina impulsiona ao máximo a polarização da sociedade entre uma elite e uma massa, as mulheres procuram reunificar os elementos que foram separados: vida pública e vida privada; sexualidade e espírito. É bem claro que são hoje as mulheres que tomam a palavra e que os homens, ou se calam, ou aprovam a linguagem das mulheres. O velho machismo desapareceu em grande parte, salvo em certos meios de alguns países, em particular da vida política.

IHU On-Line – Quais são as consequências sociais de uma mulher autônoma, independente do homem?

Alain Touraine – As mudanças em curso, na família como na vida sexual, não são, provavelmente, efeitos antes de tudo do feminismo. Mais exatamente, observa-se a separação da sexualidade e da vida cultural em geral e a construção propriamente social de um modelo de família e também de menor dominação masculina. Estamos apenas no início de uma evolução rápida que separará condutas sexuais sempre mais diversificadas e a construção da vida familiar, tomando, ela própria, formas muito diversificadas. A relativa facilidade com a qual se avança para o reconhecimento do casamento homossexual in-

dica que as barreiras tradicionais se enfraqueceram consideravelmente.

IHU On-Line – Como se caracteriza a “sociedade de mulheres” da qual o senhor fala?

Alain Touraine – Quando eu falo de sociedade de mulheres, eu não faço nenhuma referência a nenhuma “feminilidade” ou a nenhum caráter psicológico próprio das mulheres, e falar de feminização da sociedade me parece absurdo. Quando eu falo de uma sociedade de mulheres eu me refiro a um tipo de sociedade e de cultura caracterizada pelo desaparecimento acelerado de uma politização entre os dois sexos, com uma dominação masculina. Foram as mulheres que inventaram uma sociedade situada além da separação dos homens e das mulheres.

IHU On-Line – Qual é a contribuição do feminino para a sociologia contemporânea? O que há de diferente no “olhar” feminino sobre a vida?

Alain Touraine – A sociologia das mulheres é, aos meus olhos, uma parte essencial de uma sociologia geral. Já agora, uma grande parte dos debates da filosofia política e social e da sociologia é construída sobre os problemas postos pela situação e a ação das mulheres. Nossas sociedades modernas são dominadas pelo recentramento sobre o indivíduo, considerado em todas as suas funções e em seus direitos. Pode-se, também, dizer que o tema da sexualidade ocupa aí o lugar central, que era antes o do trabalho na sociedade industrial e são as mulheres que escrevem as obras mais essenciais neste domínio. Não é preciso deixar-se limitar aos problemas da desigualdade. É preciso eliminar toda referência mais ou menos psicológica ao feminino. Em troca, é preciso compreender por que as mulheres estão na origem da nova sociedade e da nova cultura que se forma sob nossos olhos.

⁸ **Relatório Brundtland:** É o documento intitulado **Nosso Futuro Comum**, publicado em 1987, no qual o desenvolvimento sustentável é concebido como “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”. No início da década de 1980, a ONU retomou o debate das questões ambientais. Indicada pela entidade, a primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, chefiou a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, para estudar o assunto. (Nota da **IHU On-Line**)

O alto preço que as mulheres pagam para ascender no campo profissional

Entrevista com Darli de Fátima Sampaio⁹

Darli de Fátima Sampaio analisa as transformações da mulher no mundo do trabalho e afirma que não há limites para a capacidade criadora, transformadora e de trabalho das mulheres.

“As mulheres se superam cotidianamente no mundo do trabalho com a mesma disposição, garra, perspectivas, com que tocam tudo ao seu redor. São capazes de seguir sempre adiante, sem descuidar dos aspectos, sejam eles estéticos, emocionais, afetivos de todos que estão à sua volta, não se esquecendo delas mesmas. Elas criam resistências domésticas e profissionais, burlam normas. Assumem um papel integrador, unindo o que está separado.” Essa afirmação é de Darli de Fátima Sampaio, pesquisadora do Centro de Pesquisa e Apoio ao Trabalhador (Cepat), de Curitiba – PR, em entrevista exclusiva concedida por e-mail para a **IHU On-Line**.

Darli é graduada em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Realizou aperfeiçoamento em diversas áreas, tais como orçamento público, história da filosofia e fé e política. É também especialista em Economia Solidária pela Universidade Federal do Paraná. Em seu mestrado, também realizado na UFPR, produziu a dissertação “Relações de gênero na indústria automotiva: um estudo de caso na Renault Paraná”. Sobre essa pesquisa, concedeu uma entrevista publicada nas **Notícias do Dia** do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, em 10-02-2008.

IHU On-Line – Quais são as principais marcas/características que as mulheres carre-

gam hoje no mundo do trabalho, no seu dia-a-dia?

Darli de Fátima Sampaio – Eu diria que a presença da mulher no mundo do trabalho está sendo marcada por um certo estilo de atuação particular. Este estilo está presente não só no que diz respeito ao exercício de liderança, na maturidade com relação à aprendizagem, à destreza, ao cuidado, à minúcia, ao compromisso e responsabilidade profissional, mas também no que diz respeito à sua forma de relacionar-se no trabalho. A mulher dialoga e é mais perceptiva, contribui e investe para obter um bom ambiente de trabalho, na medida em que foi treinada para estar sempre mais atenta ao seu entorno e dar conta de várias responsabilidades ao mesmo tempo. Ela percebe as dificuldades e trabalha melhor com as frustrações presentes. Atua no sentido de resolver as pelepas e conflitos humanos que costumam aparecer em grupos plurais.

Este estilo está ganhando cada vez mais importância num ambiente marcado por um ritmo muito intenso de trabalho e por profissionais altamente estressados. É de grande utilidade funcional. É manipulável e regulável em vista de maiores e melhores resultados corporativos.

Este estilo tem demonstrado um desempenho tão bom que algumas empresas procuram caracterizar as “habilidades” femininas a partir de uma visão essencializada de gênero. Busca-se naturalizá-las enquanto qualidades presentes nas mulheres e não enquanto resultado de um longo treinamento ao qual foram submetidas desde mui-

⁹ Entrevista cedida à Revista **IHU On-Line** de 03 de março de 2008.

to jovens. Com isso, evita-se uma remuneração à altura, significando um grande prejuízo em todos os sentidos para a mulher trabalhadora. Portanto, é importante rejeitar essa visão de uma natureza feminina.

IHU On-Line – Nesse sentido, quais são as diferenças entre as mulheres operárias e aquelas que exercem cargos administrativos?

Darli de Fátima Sampaio – Com relação às diferenças entre mulheres da produção e administração, observa-se uma preocupação constante com a qualificação profissional nos dois setores. É a exigência do mercado. Requisito fundamental para a decantada empregabilidade. Mas as diferenças são gritantes e vão desde o desnível salarial até preconceitos estimulados entre trabalhadoras da produção e do setor administrativo. Portanto, não é possível fazer uma análise homogeneizada sobre as mulheres no mundo do trabalho, pois há vivências, experiências, histórias, formação, entre outros aspectos, bastante diferenciados. É preciso pensar e repensar sobre esse sentimento de que todas as mulheres são iguais. Das mulheres da produção, espera-se também o cumprimento das metas, porém sem reclamações. Espera-se absoluta concentração, paciência, destreza e toda a espécie de cuidado com relação ao produto e à rotina de trabalho. Cada vez mais é valorizada e estimulada a necessidade de elaboração de propostas e solução para os problemas que surgem no ambiente de trabalho. As mulheres da produção estão confinadas a um pequeno espaço, ao seu posto de trabalho, e precisam de autorização para qualquer espécie de ausência. Em algumas empresas, ciclos menstruais, hemorragias e incontinência urinária precisam ser revelados para justificar várias idas ao banheiro. A força física não é uma exclusividade masculina. Na linha de montagem, é preciso ter um padrão físico combatível para suportar a intensidade e as dificuldades no posto de trabalho. Não é necessário ter visibilidade, apenas desempenho, e literalmente “somem” dentro do uniforme de trabalho padronizado e desconfortável.

É no setor administrativo que se concentram mulheres com maior qualificação. Muitas são políglotas, com largas experiências profissionais e bem remuneradas. Os cuidados com a aparência são visíveis e uma exigência da empresa acaba por categorizar a profissional e depondo favoravelmente à empresa. Algumas profissionais desempenham funções de chefia, outras atuam diretamente com o público, levando a imagem da empresa e “aparando” e eliminando tensões estabelecidas, antes que cheguem às instâncias superiores. São competitivas e cobradas sistematicamente nos desempenhos. O cargo exige dedicação quase exclusiva. Há um reconhecimento que, no processo de ascensão profissional, projetos pessoais devem ser deixados de lado. É o preço que muitas pagam ou já pagaram.

IHU On-Line – A mulher, no mercado de trabalho, assume características de postura masculina, ou ela acaba transformando o ambiente com um toque mais feminino, marcando sua presença social e cultural?

Darli de Fátima Sampaio – O mercado de trabalho é marcado pela desigualdade de gênero, por relações assimétricas de poder, entre homens e mulheres, apresentando um perfil predominantemente masculino. E, embora as mulheres tenham conquistado espaços importantes no trabalho, comparativamente é muito mais difícil culturalmente para elas se imporem no trabalho. Esta situação desfavorável está mais associada a uma formação direcionada para o ambiente privado. Sabe-se que, muitas vezes, as mulheres são obrigadas a assumirem posturas tipicamente masculinas, tais como agressividade, firmeza, falar alto, o tal falar “grosso” para simplesmente serem ouvidas e/ou consideradas. Há carência de reconhecimento e valorização. Esta problemática não está resolvida. Muitas se veem obrigadas a assumirem posturas masculinas no mundo competitivo do trabalho. E depois, como já disse Alexandra Bocchetti, “um corpo de mulher não assegura um

pensamento de mulher”¹⁰, pois este pensamento nasce, somente, segundo essa autora, da consciência das outras mulheres. Este pensamento é produto de relações.

Agora, no mercado de trabalho, as mulheres trazem um diferencial que vem sendo muito aproveitado nas empresas. A divisão sexual do trabalho, que sobrecarrega a mulher, continua interagindo na produção dos bens e na reprodução da vida e dos valores marcados pela desigualdade dos processos de inserção de homens e mulheres no mercado de trabalho. São obrigadas a dar conta de várias demandas e ainda acrescentar: cor, cheiro, bom gosto, senso estético, organização etc. no seu ambiente de trabalho, além, é claro, de toda a contribuição afetiva que colocam à disposição em seu ambiente profissional, em resumo, o trabalho imaterial.

IHU On-Line – Como entender o aumento do interesse de cada vez mais mulheres na área da tecnologia? Como está a aceitação do massivo público masculino ao receber as “colegas” do sexo oposto?

Darli de Fátima Sampaio – Uma discussão interessante é aquela que aborda o conceito de tecnologia do ponto de vista sócio-antropológico. Um processo conectado na realidade social, que o cria e o transforma. Que vai além dos artefatos que caracterizam a vida moderna ou que aumentam a produtividade das empresas. A tecnologia é um fenômeno que faz parte da vida social. Historicamente, os seres humanos sempre se organizaram para produzir bens e serviços necessários tanto para a sobrevivência física como também voltados para as necessidades sociais e culturais. As relações de gênero, fruto de construções culturais, são atualizadas na dinâmica da vida social e representam, segundo estudos, um elemento-chave de compreensão da imbricação da tecnologia com a sociedade.

Estudos realizados nessa área, tradicionalmente constituída como um domínio masculino, mas que vem sendo ocupada por mulheres, tanto com relação aos cursos quanto em relação às pro-

fissões que exigem conhecimentos técnicos, mostram que, no processo de socialização e obtenção de habilidades técnicas, os padrões de gênero desempenham forte influência na formação dos estudantes. Os meninos são orientados, inicialmente, pelas suas respectivas famílias, para interesses que os aproximam das habilidades técnicas. Eles são estimulados à curiosidade e à investigação, ao passo que, com relação às meninas, ocorre exatamente o contrário, na medida em que são desestimuladas e distanciadas dessa área, sendo motivadas para interesses ligados ao cuidado (casa, bonecas etc.). O resultado é que os meninos, em se tratando da área técnica, sempre se superestimam e as meninas se subestimam. Talvez isso explique um pouco da predominância masculina em setores altamente técnicos, como o da automotiva, por exemplo, no qual é preciso ter habilidade para manusear vários equipamentos eletrônicos. É uma área bastante robotizada.

Mas hoje estamos também envolvidos e dependentes de toda sorte de parafernália eletrônica com a qual, com maior ou menor intensidade, somos obrigados a conviver. E as mulheres têm gradativamente se arriscado nessa área em franco crescimento e também atraente do ponto de vista financeiro.

As estudantes que conseguiram quebrar antigos paradigmas e entraram para áreas técnicas, segundo estudos, têm apresentado um bom desempenho, quando não superior ao desempenho dos estudantes masculinos. Mas, com relação à convivência, sabe-se que se trata de uma área que mantém conceitos binários de gênero. O público masculino julga que as mulheres são mais disciplinadas, estudiosas e aplicadas, mas com habilidades diferenciadas, voltadas para o senso estético, mais emotivas, sentimentais, sensíveis, delicadas, enfim, com menos visão lógica e menos aptas para programações etc. Visões essencializadas.

Segundo apontam alguns estudos, para que haja uma verdadeira mudança na direção da equidade de gênero, é necessário mudar também o processo de socialização de meninos e meninas para que ambos cheguem aos cursos técnicos com

¹⁰ BOCCHETTI, A. apud **Mulheres no comando**. Além do Cairo e Beijing: fortalecendo as ONGs na América Latina. Vol. V, Brasília s/c, 1999, p. 31. (Nota da entrevistada)

as mesmas habilidades e oportunidades. Aí então teremos um franco crescimento do número de mulheres nessa área.

***IHU On-Line* – Quais são os principais desafios que as mulheres ainda têm pela frente? Em que elas podem contribuir para melhorar o mundo do trabalho e a sociedade em que vivem?**

Darli de Fátima Sampaio – São vários os desafios e de toda ordem, envolvendo discriminação social, racial ou de gênero. É preciso lutar por reconhecimento e valorização profissional, por equiparação salarial, por modificações na legislação, obtenção de vitórias jurídicas, direitos no campo da saúde, pelo fim da violência contra as mulheres em todas as dimensões da vida humana. Enfim, temos muito que andar nesse campo de gênero em constante transformação. As mulheres estão exercendo um papel determinante nesse campo da transformação cultural. O feminismo foi capaz de conduzir lutas importantes e garantir direitos fundamentais e de transformar a situação e a consciência das mulheres. Mas hoje elas estão dando grande importância aos problemas que mexem com a vida pessoal, com as relações interpessoais, com a sexualidade, com a vida no sentido amplo, enfim com os problemas culturais, bem apontados por Alain Touraine¹¹, no livro ***O mundo das mulheres***¹². Há uma preocupação com a construção de um novo modelo de cultura que pode ser vivido por todos, homens e mulheres, que elimine essa oposição entre os sexos, criado pela ordem masculina, que prejudicou terrivelmente a mulher, mas também a todos. E, nesse sentido, está colocada a preocupação e a necessidade de recomposição do mundo, superando-se os dualismos históricos e atuando no sentido do estabelecimento de uma aliança que garanta a nossa existência social, especialmente sem opressões de gênero. Que possamos compreender as mudanças que estão ocorrendo, em todos os aspectos, e nos renovar e se sensibilizar, preparando-nos para os riscos e desilusões que elas podem

gerar, mas também para compreender a potencialidade que uma mudança supõe.

***IHU On-Line* – O que sua pesquisa com as mulheres de uma fábrica automotiva mais lhe ensinou em relação ao avanço das mulheres no trabalho e na sociedade?**

Darli de Fátima Sampaio – Primeiro, como são fortes e terríveis os limites que se impõem às mulheres em benefício da continuidade do poder masculino como, por exemplo, a transferência para a fábrica da dinâmica da divisão sexual do trabalho, que oprime e exaure a mulher. Mas, positivamente, também se evidencia cada vez mais que não há limites para a capacidade criadora, transformadora e de trabalho das mulheres. Elas se superam cotidianamente no mundo do trabalho com a mesma disposição, garra, perspectivas, com que tocam tudo ao seu redor. São capazes de seguir sempre adiante, sem descuidar dos aspectos, sejam eles estéticos, emocionais, afetivos de todos que estão à sua volta, não se esquecendo delas mesmas. Elas criam resistências domésticas e profissionais, burlam normas. Assumem um papel integrador, unindo o que está separado. Se a dominação masculina foi abalada pela ação das feministas, a ação das mulheres no mundo do trabalho poderá ser capaz de fazer prevalecer outros tipos de relacionamentos, resistências e alterações no seu ambiente de trabalho. Os avanços com o trabalho feminino são tão significativos que as empresas, no caso das automotivas, não podem mais se dar ao luxo de desperdiçar esse potencial humano e muitas revelaram o objetivo de ampliar as contratações de mulheres. A qualificação profissional da mulher, aliada a um estilo diferente de trabalhar e de se relacionar, é avaliada como positiva e principalmente lucrativa no esquema organizacional das empresas.

***IHU On-Line* – A mulher sabe lidar melhor com o “fantasma” do desemprego? Como a simbologia do medo e dos obstáculos aparece para homens e mulheres?**

¹¹ **Alain Touraine**: sociólogo francês, autor do livro ***Le Monde des Femmes*** (Paris: Fayard, 2006). Confirma uma entrevista exclusiva concedida por ele à revista ***IHU On-Line*** na 210ª edição, de 05-03-2007. (Nota da ***IHU On-Line***)

¹² Em português, a obra está publicada sob o título ***O mundo das mulheres*** (Petrópolis: Vozes, 2006) (Nota da ***IHU On-Line***)

Darli de Fátima Sampaio – Simbolicamente, o desemprego é terrível para homens e mulheres. Trata-se do sustento, do “ganha-pão”. No entanto, os seus efeitos são mais danosos entre os homens, lançados numa situação de insegurança tremenda numa sociedade com uma cultura do trabalho que se ancora na empregabilidade. Existe a questão cultural, que faz com que a grande maioria dos trabalhadores masculinos entenda que o seu trabalho é o principal para a manutenção da família. Mesmo que a mulher continue trabalhando e ganhe até mais, a sua renda é entendida como uma renda complementar ao orçamento familiar. Para os homens, estar desempregado representa o inferno, fonte de tensões e de desorganização. Provoca danos emocionais profundos, baixa estima e marginalização. As mulheres que conhecem esses “efeitos” ou sintomas historicamente acabam tendo uma postura diferenciada, mais propositiva frente ao desemprego. Elas se ocupam com o cuidado dos filhos e das tarefas domésticas. E vão à luta. Não ficam de braços cruzados, imobilizadas, abatidas. Buscam alternativas. Mas tanto os trabalhadores masculinos como os femininos têm plena consciência dos desafios colocados para a empregabilidade na complexa sociedade de hoje, que vão desde a falta de habilidade e qualificação necessárias – não ter a escolaridade necessária -, até outros tantos, como a ausência de faixa etária exigida pelo mercado. Além disso, faltam também recursos para que se possa abrir um negócio próprio, numa possível alternativa de sobrevivência.

IHU On-Line – O que muda no imaginário e nas expectativas e sonhos das mulheres do século XXI, que muitas vezes se dedicam tanto ao trabalho e são obrigadas a abdicar de outras instâncias na vida que eram igualmente importantes?

Darli de Fátima Sampaio – Influi na própria percepção de mundo. O mercado de trabalho altamente competitivo e excludente submete os trabalhadores a uma intensidade de trabalho absurda e potencialmente estressante. Para as mulheres, há ainda uma carga maior, que é a divisão sexual do trabalho não resolvida e que pesa sobre os ombros femininos. A presença de mulheres no mercado de trabalho já forçou pequenas mudanças no ambiente doméstico, mas não alterou a relação de poder. Trata-se de contribuições pontuais recebidas e não de tarefas igualmente distribuídas. Então, conciliar de forma humanamente satisfatória casa, marido, filhos, espaços pessoais, lúdicos, é desgastante para as mulheres e muitas optam por adiar ou mesmo colocar num segundo plano expectativas e sonhos pessoais. As mulheres que ascendem no campo profissional têm consciência do preço que pagam. E ele é alto.

Olho: “Não dá para fazer uma análise homogeneizadora sobre as mulheres no mundo do trabalho, pois há vivências, experiências, histórias, formação, entre outros aspectos, bastante diferenciados. É preciso pensar e repensar sobre esse sentimento de que todas as mulheres são iguais”.

Igualdade de gênero para fortalecer socialmente a ciência e a tecnologia

Entrevista com Maria Elina Estébanez¹³

Para a pesquisadora argentina Maria Elina Estébanez, ainda não se avançou tão claramente no acionar político e na definição de políticas específicas para o sucesso da equidade de gênero.

Por Graziela Wolfart

“A igualdade de gênero é, em si mesma, um objetivo de desenvolvimento social e uma via muito eficaz para focar o sistema científico e tecnológico para a atenção dos problemas que afetam a sociedade”, afirma Maria Elina Estébanez, pesquisadora e coordenadora do Centro de Estudos sobre Ciência, Desenvolvimento e Educação Superior, de Buenos Aires, Argentina. Pós-graduada em Sociologia e especialista em Sociologia e Ciência, e Ciência e Tecnologia, a argentina é também professora no Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia Inovação Organizacional, da Universidade Nacional de General Sarmiento. A seguir, na íntegra, a entrevista concedida pela pesquisadora, por e-mail, à **IHU On-Line**.

IHU On-Line – Qual a situação da mulher no campo da ciência hoje?

Maria Elina Estébanez – Se observarmos o que tem ocorrido nas últimas décadas, a situação da mulher em escala mundial tem evoluído favoravelmente no acesso à educação superior e no mundo laboral da ciência e da tecnologia. Sua presença é cada vez mais relevante nos estudos universitários de graduação e pós-graduação e

entre os grupos de pesquisadores e bolsistas de diferentes países.

Mas, se estes dados indicam uma situação favorável para o equilíbrio de gênero na atividade científica, existem dois focos de desigualdade que afetam a grande potencialidade da presença feminina. Em primeiro lugar, existem “vieses” disciplinares: na pesquisa em ciências exatas e de engenharias, predominam os homens, e nas ciências sociais, humanas e da saúde, predominam as mulheres. Este fenômeno mostra tanto a existência de diferentes vocações profissionais quanto a masculinização e a feminilização da produção de conhecimento em determinados temas, o que afeta a orientação do trabalho científico, a escolha de temas e a produção de resultados, que logo se voltarão à sociedade. A persistência de estereótipos culturais, durante os processos de socialização e educação, incidem nas preferências lúdicas de meninos e meninas e, posteriormente, nas escolhas de estudo durante a adolescência. Estes fenômenos persistem durante as etapas mais avançadas de socialização secundária, segmentando as preferências profissionais.

Quanto maior a hierarquia do posto de trabalho, menor é a presença feminina

Em segundo lugar, existem importantes barreiras para o acesso de mulheres a postos de maior decisão ou maiores ingressos dentro do campo laboral da ciência e da tecnologia, mesmo naqueles

¹³ Entrevista concedida à Revista **IHU On-Line** de 3 de março de 2008.

campos do conhecimento “feminilizados”. Quanto maior a hierarquia do posto de trabalho, menor é a presença feminina. A possibilidade de ter acesso a instâncias de poder e de tomada de decisões tem estado historicamente restringida para as mulheres e, nesse sentido, o âmbito científico e tecnológico não constitui uma exceção à regra. Se bem que é certo que durante o século XX se produziu um importante avanço em matéria de abertura para as mulheres por parte de muitas instituições, por exemplo, as universidades. Então, a situação se torna um tanto diferente ao analisarmos as posições que estas ocupam dentro de tais instituições e, mais ainda, ao analisar outros âmbitos institucionais. Existem padrões culturais muito arraigados nos ambientes educativos e laborais, que associam determinadas características da “masculinidade” (como a competitividade, a força, a racionalidade, a objetividade) a um exercício mais eficaz de poder. A partir disso, se torna muito comum escutar que os homens são mais aptos para ocupar cargos desta natureza. Estes estereótipos incidem na escolha das pessoas que integrarão posições estratégicas na ciência, como a direção de institutos, a integração de comitês avaliadores ou as reitorias universitárias.

A ascensão na carreira profissional científica implica no acesso a categorias de maior prestígio e reconhecimento científico e acadêmico. Esta ascensão depende dos resultados de uma avaliação realizada por um comitê específico, o qual parece estar composto majoritariamente por homens. Nesta instância, podem operar diversos mecanismos de exclusão, como, por exemplo, respeito à valorização de certas atitudes e a avaliação que se realiza da produtividade científica e sua associação com os ciclos vitais e situações familiares. O trânsito pela experiência da maternidade ou paternidade não tem a mesma repercussão em mulheres e homens, o que pode incidir em sua produtividade, embora não necessariamente na qualidade dos trabalhos que publicam. Também pode incidir em sua mobilidade internacional e na disponibilidade estendida de tempo laboral. Todos estes fatores são considerados positivamente no momento de avaliar seu desempenho profissional.

IHU On-Line – Os estudos e pesquisas na academia sobre esse tema estão aumentando?

Maria Elina Estébanez – Um balanço preliminar sobre o aporte dos estudos sobre ciência e gênero mostra um importante acúmulo de conhecimento e evidências sobre os problemas para um sucesso na equidade de gênero, e uma importante representação desta problemática na reflexão acadêmica de distintas regiões do mundo. Assim mesmo, a questão tem tido repercussão em ofícios, cartas e recomendações de organismos internacionais. No entanto, ainda não se avançou tão claramente no acionar político e na definição de políticas específicas para o sucesso da equidade de gênero, particularmente no que se refere à região latino-americana. Medidas elementares, como uma generalização da desagregação do sexo nas estatísticas nacionais vinculadas à educação superior, à ciência e à tecnologia, ainda têm escassa aceitação.

IHU On-Line – O que a ciência, a tecnologia e o mercado de trabalho, em geral, ganham com a presença feminina?

Maria Elina Estébanez – A igualdade de gênero é, em si mesma, um objetivo de desenvolvimento social e uma via muito eficaz para enfocar o sistema científico e tecnológico para a atenção dos problemas que afetam a sociedade. O acesso a uma situação igualitária de gênero na ciência e na tecnologia é um sucesso ético que reafirma o valor da igualdade de direitos para homens e mulheres no desenvolvimento de seus interesses e atitudes. Por outro lado, a sociedade se enriquece com a participação igualitária dos sexos, com a diversidade de seus olhares e seus modos de produzir conhecimento. A partir desta perspectiva, a equidade de gênero é uma estratégia apropriada para fortalecer socialmente a ciência e a tecnologia.

IHU On-Line – O olhar feminino sobre o mundo pode instigar descobrimentos revolucionários nas áreas da ciência e da tecnologia por parte das mulheres?

Maria Elina Estébanez – Com certeza. Para descobrir o mundo e sua diversidade são necessá-

rios “olhares diversos”, o feminino e o masculino, o branco e o negro, e muitas outras diversidades que atravessam bandeiras, sociedades e culturas. Historicamente, têm predominado somente algumas perspectivas, e outras têm estado subordinadas e menosprezadas, apresentando tanto um problema ético como epistemológico. Com isso, se têm desperdiçado capacidades para a ciência e a tecnologia.

IHU On-Line – Qual é a especificidade da mulher latino-americana com relação à ciência, à tecnologia e ao trabalho?

Maria Elina Estébanez – Percebe-se uma tendência positiva no crescimento de sua participação. Por exemplo, a presença das mulheres nos estudos universitários tem passado nas últimas décadas de uma participação menor de 10% para 30, 40 ou 50%, conforme alguns países. Também

se observa um aumento em sua participação nas atividades científicas e tecnológicas, mas com um posto um pouco mais baixo, sobretudo no exercício de disciplinas de base tecnológica ou físico-matemática. Como ocorre em outras regiões, também aqui se produzem processos de segmentação, particularmente os que obedecem a fatores “disciplinares” (como a masculinização ou a feminilização de determinados campos do conhecimento) e os que se relacionam com a estratificação vertical (como o acesso aos postos de poder). Como especificidade, encontramos na região a associação destas modalidades de exclusão com outras, como a exclusão étnica. Por exemplo, em países com população afrodescendente, é duplamente difícil para a mulher desta origem ascender aos estudos superiores e à carreira científica. Isto também se observa em países centro-americanos multi-étnicos.

Uma mulher que se reinventa e se redescobre

Entrevista com Mirian Goldenberg¹⁴

A antropóloga Mirian Goldenberg analisa as transformações nos modelos familiares e aponta que as tendências indicam o fim da família e do casamento como os conhecemos até agora.

Miriam Goldenberg é antropóloga e professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, ela afirma que, “em pouco mais de três décadas, assistimos a uma enorme transformação do corpo carioca: do exercício do prazer à busca da perfeição estética, da liberdade à submissão aos modelos, do erotismo à falta de desejo”. Goldenberg é doutora em Antropologia Social, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autora de *Toda mulher é meio Leila Diniz* (Rio de Janeiro: Record, 1966); *A outra* (Rio de Janeiro: Revan, 1990); *A arte de pesquisar* (4ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000); *Nu & Vestido* (Rio de Janeiro: Record, 2002); *De perto ninguém é normal* (Rio de Janeiro: Record, 2004); *Infiel: notas de uma antropóloga* (Rio de Janeiro: Record, 2006); e *O corpo como capital* (Rio de Janeiro: Estação das Letras e Cores, 2007). Seu site pessoal é www.miriangoldenberg.com.br

IHU On-Line – Na obra *Novos desejos, a senhora traz o tema “De Amélias à operárias”, em que expõe os conflitos de mulheres economicamente ativas, tanto nas relações*

conjugais como na família. Em que fase está esse debate?

Mirian Goldenberg – Acredito que o que está ocorrendo, no Brasil, é, na verdade, a multiplicidade e flexibilidade dos atuais arranjos conjugais. Assim, o que está em crise é um determinado modelo de família e de casamento. Como o modelo hegemônico permanece como um valor enraizado em cada um, fortalecido pela socialização e educação e pela Igreja, muitos dos que vivem outras formas de relacionamento conjugal sentem-se, ainda hoje, desviantes. A pluralidade de formas de casamentos e famílias existentes em nossa cultura demonstra que homens e mulheres continuam querendo casar e constituir famílias, sem, no entanto, reproduzir o modelo tradicional de conjugalidade.

A crise dos modelos de família

Portanto, ao falar de família e de casamento, o plural impõe-se. Já não há um único modelo, mas vários. O divórcio, a união livre, as recomposições familiares abalam o que se chamava, até há pouco tempo, de “modelo de família ocidental”. Este modelo será ainda mais abalado com as novas técnicas de procriação. A doação de óvulos, a fecundação por inseminação artificial ou *in vitro*, a possibilidade de clonagem de seres humanos, levam a que se ponha em causa os princípios fundamentais sobre os quais se assenta o nosso sistema de parentesco: sexualidade e parentesco são

¹⁴ Entrevista concedida à Revista **IHU On-Line** de 03 de março de 2008.

dissociados, paternidades e maternidades são multiplicadas (genética e socialmente), o nascimento de um filho não provém necessariamente de um casal.

Dois fenômenos recentes enfraqueceram a força da união permanente na família brasileira. O primeiro é a intensificação da vida erótica do casal, uma vez que o apego sexual é notoriamente instável e os casais que se apoiam em tal base sujeitam-se a ser facilmente fragmentados. Na medida em que a gratificação erótica se torna um elemento essencial na existência do casal, o risco de dissolução matrimonial aumenta. O segundo, as mulheres tornaram-se mais independentes economicamente e podem romper com uniões indesejadas. As mulheres independentes economicamente têm consideravelmente mais poder – e um maior sentido de autonomia pessoal – do que as que não são. Com a capacidade das mulheres se sustentarem veio a capacidade de serem livres.

Na inexistência de novos modelos estáveis, o estabelecimento de padrões de divisão do trabalho na família fica na dependência do confronto interpessoal entre os cônjuges. Como se valorizam e se exigem, simultaneamente, o apoio emocional e o prazer sexual recíprocos, a relação conjugal recebe uma sobrecarga de exigências. A impossibilidade de satisfazer todas as condições colocadas como necessárias à manutenção da parceria conjugal igualitária encontra solução na crescente aceitação social do divórcio, que acarreta a fragmentação da família original e a constituição de outra, através de novo casamento.

Essas tendências colocam em xeque a estrutura e os valores da família e do casamento tradicionais. Não se trata do fim da família ou do casamento, uma vez que outras estruturas estão sendo testadas e poderemos, no fim, reconstruir a maneira como vivemos uns com os outros, como procriamos e como educamos de formas diferentes e, quem sabe, talvez melhores. Mas as tendências indicam o fim da família e do casamento como os conhecemos até agora. Não apenas a família nuclear, mas a família baseada no domínio patriarcal, que tem predominado há séculos. Assim, não existe uma crise de família, mas uma crise da família patriarcal. Não é o fim da família, mas o

surgimento de uma família nova e mais complexa, em que papéis, regras e responsabilidades não serão garantidos pela autoridade patriarcal e terão que ser permanentemente negociados. Isso inclui a necessidade de dividir o trabalho doméstico, parceria econômica e responsabilidade pelos filhos compartilhada. A dificuldade em ter de lidar com todos esses papéis ao mesmo tempo, quando não mais se encontram fixados em uma estrutura formal institucionalizada como a família patriarcal, explica a dificuldade em manter-se relacionamentos sociais estáveis.

IHU On-Line – Em comparação com as mulheres europeias, a mulher brasileira tem muito a alcançar?

Mirian Goldenberg – Em minha observação comparativa de dois universos (Alemanha e Brasil), as mulheres alemãs me pareceram muito mais confortáveis com o seu envelhecimento do que as brasileiras. Observei mulheres que pareciam muito poderosas na Alemanha, objetivamente (em suas profissões e relações conjugais), mas, também, subjetivamente. No Brasil, tenho observado um abismo enorme entre o poder objetivo das mulheres pesquisadas, o poder real que elas conquistaram em diferentes domínios (sucesso, dinheiro, prestígio, reconhecimento, e, até mesmo, a boa forma física) e a miséria subjetiva que aparece em seus discursos (decadência do corpo, gordura, flacidez, insônia, doença, medo, solidão, rejeição, abandono, vazio, falta, invisibilidade e aposentadoria). Observando a aparência das alemãs e das brasileiras, as últimas parecem muito mais jovens e em boa forma do que as primeiras, mas se sentem subjetivamente muito mais velhas e desvalorizadas do que elas. A discrepância entre a realidade objetiva e os sentimentos subjetivos das brasileiras me fez perceber que aqui o envelhecimento é um problema muito maior, o que pode explicar o enorme sacrifício que muitas fazem para parecer mais jovens, por meio do corpo, da roupa e do comportamento. Elas constroem seus discursos enfatizando as faltas que sentem, e não suas conquistas objetivas.

No entanto, a frase, “hoje eu posso ser eu mesma pela primeira vez na minha vida” foi repe-

tida por algumas das brasileiras pesquisadas que percebem o envelhecimento como uma redescoberta, altamente valorizada, de um “eu” que estava encoberto ou subjugado pelas obrigações sociais, especialmente no investimento feito no papel de esposa e de mãe. As ideias de reencontrar-se, reinventar-se, redescobrir-se apareceu muito nos grupos de discussão, sempre associadas ao fato de fazerem, hoje, as coisas que mais gostam: conversar com as amigas, sair sozinha, ter tempo para si mesma, viajar, ler, estudar, ou, até mesmo, encontrar um novo prazer com o marido assumindo mais os próprios desejos, e não buscando agradá-lo.

É interessante observar que tanto no discurso de vitimização quanto no de libertação, dois foram os eixos centrais das pesquisadas: o corpo e a relação conjugal, mais especialmente o casamento de cada uma delas. O corpo foi tanto objeto de extremo sofrimento (em função de suas doenças ou decadência) ou de extremo prazer (em função da maior aceitação e cuidado com ele). Os parceiros amorosos foram, também, objeto de extremo amor (alcoolismo, machismo, violência, autoritarismo, egoísmo, abandono, rejeição, faltas) ou de extremo prazer (companheirismo, prazer sexual, cumplicidade). Numa cultura, como a brasileira, em que o corpo é um importante capital, o envelhecimento pode ser vivenciado como um momento de grandes perdas (de capital). Em uma cultura, como a alemã, em que os capitais mais valorizados são outros, como o profissional, o científico e o cultural, o envelhecimento parece ser vivido como um momento de ganhos.

IHU On-Line – Quem é a mulher de hoje? Quais são as suas conquistas e os seus desafios?

Mirian Goldenberg – Acho que o grande desafio é ser “meio Leila Diniz”. Muitas brasileiras já são, muitas estão longe de ser. Quando, em 1971, Leila Diniz exibiu sua barriga grávida de biquíni, na praia de Ipanema, escandalizou e lançou moda. Foi capa de revistas e manchete de jornais por ter sido a primeira mulher a não esconder sua barriga em roupas soltas e escuras, consideradas mais adequadas a uma grávida. Não só engravidou sem ser casada como exibiu uma imagem concorrente à grávida tradicional que escondia sua barriga.

A barriga grávida materializou, objetivou, corporificou seus comportamentos sexuais transgressores. Ícone das décadas de 1960 e 1970, Leila Diniz permanece, até hoje, como símbolo da mulher carioca, que encarna, melhor do que ninguém, o espírito da cidade: corpo seminu, sedução, prazer, liberdade, sexualidade, alegria, espontaneidade. Leila Diniz encarna a imagem de uma jovem livre e feliz: sua maneira de exibir o corpo; seu uso da linguagem; sua conduta sexual; e suas escolhas de amigos e parceiros amorosos estão inteiramente presentes em sua ética e estética de vida. Percebe-se nitidamente, em Leila, uma postura de transgressão simbólica, estilo que encerra a afirmação de uma contralegitimidade, por exemplo, pela intenção de dessacralização dos valores da moral e da estética dominantes, através de um comportamento sexual livre, de uma linguagem irreverente e sem censuras, da imposição de novos padrões estéticos e ruptura de tabus sociais (como a exibição da barriga grávida de biquíni), antítese quase perfeita do moralismo de determinados grupos que exigiam, nos anos 1960, um comportamento feminino sério e regrado.

Nem toda mulher é “meio Leila Diniz”...

O corpo de Leila Diniz (e de muitas mulheres de sua geração) era um corpo voltado para o prazer, para o livre exercício da sexualidade, que exibia sua beleza e plenitude à luz do sol. O corpo de muitas mulheres de hoje, como constatei na pesquisa realizada com indivíduos das camadas médias urbanas cariocas, é um corpo controlado, mutilado, que prefere a escuridão para esconder suas imperfeições. Em pouco mais de três décadas, assistimos a uma enorme transformação do corpo carioca: do exercício do prazer à busca da perfeição estética, da liberdade à submissão aos modelos, do erotismo à falta de desejo. Conclusão, então, com a constatação de que, no Brasil do século XXI, estamos muito longe de poder afirmar que “toda mulher é meio Leila Diniz”.

IHU On-Line – A guerra entre os sexos foi intensificada com a libertação feminina. De um lado as mulheres reclamam da falta de

homens, e, de outro, os homens sentem-se pressionados pelas crescentes exigências femininas. O que a senhora destaca sobre essa discussão de lutas entre os gêneros?

Mirian Goldenberg – Para mim, a questão central na discussão sobre a igualdade de gêneros se refere ao papel masculino no domínio doméstico, especialmente com relação à paternidade. A Comissão de Direitos Humanos do Senado aprovou, por unanimidade, o projeto que aumenta de quatro para seis meses o período da licença-maternidade. A autora do projeto, senadora Patrícia Saboya (PDT-CE), comemorou dizendo: “Está na hora de respeitar a mulher brasileira e as crianças”. Aplaudimos veementemente a aprovação do projeto, o reconhecimento e a valorização da maternidade. Mas perguntamos: não está também na hora de respeitar o homem brasileiro, ou melhor, a paternidade? Aparentemente não, pois a mesma senadora propõe um projeto para aumentar a licença-paternidade de cinco para 15 dias, com o objetivo de que os pais possam “ajudar” as mães nos primeiros dias de vida do bebê.

Homens mais ativos na criação dos filhos

Para ilustrar com uma realidade oposta, na Suécia, a licença de mais de um ano para cuidar do recém-nascido é para ambos os pais. O casal pode decidir quem ficará sem trabalhar para cuidar do bebê: o pai ou a mãe. A proposta visa estimular os homens a assumir um papel ativo na criação dos filhos e propiciar uma divisão mais igualitária das tarefas domésticas.

Todos sabem que os meses iniciais são fundamentais para assegurar a adaptação do bebê ao mundo, o que significa que cuidar de um recém-nascido é muito mais do que apenas garantir o aleitamento materno. Esse tempo é necessário para estabelecer o vínculo afetivo com a criança, indispensável para o seu desenvolvimento emocional e social.

Cinco (ou 15) dias são suficientes para que o pai participe da formação emocional e social da criança, enquanto a mãe deve dedicar seis meses exclusivamente a essa tarefa? É possível pensar

em uma efetiva igualdade entre os sexos quando a mulher detém, quase exclusivamente, o direito e o dever de cuidar dos filhos? Esse cuidado não pode (e deve) ser igualmente compartilhado pelos homens?

É verdade que muitos homens recusam ou duvidam da própria competência para o exercício da paternidade. Contudo, é fácil constatar, inclusive com a notável discrepância entre os dois projetos, que aqueles que querem exercer plenamente a paternidade estão impedidos de cuidar de seus filhos, já que as mulheres são percebidas como as legítimas detentoras do saber e do poder nesse âmbito. Elas são consideradas as únicas realmente necessárias no momento inicial de vida, cabendo ao pai, quando muito, a função de “ajudar” a mãe.

Pais coadjuvantes e mães estrelas?

Limitados a um papel secundário ou terciário (quando o bebê é cuidado pela avó, babá ou empregada doméstica), são ainda acusados de imaturos, ausentes, irresponsáveis, incompetentes e inadequados como pais. Muitas mulheres vivem a maternidade como um poder que não querem compartilhar e percebem os homens como meros coadjuvantes – ou até mesmo figurantes – em um palco em que a principal estrela é a mãe.

Não é possível questionar a suposta superioridade feminina no domínio privado sem enfrentar uma forte reação das mulheres, inclusive de muitas que lutam pela completa igualdade entre os gêneros. Mas não seria exatamente nesse terreno, completamente dominado pelas mulheres, que se enraizaria a mais profunda desigualdade entre os sexos?

É muito difícil transformar uma realidade social quando ela é vista como da ordem da natureza; natureza que é usada para justificar o papel privilegiado da mãe e para marginalizar ou excluir o pai dos cuidados com o recém-nascido. No entanto, não existe absolutamente nada na “natureza” masculina que impeça um pai de cuidar, alimentar, acariciar, acalantar e proteger seu bebê, assim como não há uma “natureza” feminina que dê à

mãe a autoridade de se afirmar como a única capaz de cuidar do recém-nascido. Os cinco (ou 15) dias de licença-paternidade e os seis meses de licença-maternidade revelam a enorme desigualdade de gênero em nosso país.

Consolida-se, com esse abismo, o monopólio feminino dos prazeres, encargos e sacrifícios com os filhos. Reforça-se, também, a falta de respeito e de reconhecimento da importância do exercício da função paterna. Sem desmerecer a conquista das mulheres, muito pelo contrário, é

mais do que necessário denunciar a injustiça e a discriminação que sofrem aqueles que querem exercer plenamente a paternidade.

Se as crianças de hoje aprenderem que o pai e a mãe podem ser igualmente disponíveis, atenciosos, responsáveis, protetores, presentes e amorosos, é possível que, em um futuro próximo, tenhamos uma verdadeira igualdade entre homens e mulheres e a crença de que em nenhum domínio (público ou privado) um é superior ou mais necessário do que o outro.

As desigualdades entre homens e mulheres na disputa do poder

Entrevista especial com Ligia Mendonça

“No Legislativo, elas são 12% no Senado e 9% na Câmara. No Executivo, representam 15% dos governadores e apenas 7,5% dos prefeitos. No poder Judiciário, chegam a 18% no Superior Tribunal de Justiça (STJ), mas ficam em 6% em outros tribunais federais”, relata a socióloga e sanitarista Ligia Mendonça. Nesta entrevista, realizada por e-mail, ela reconhece que no Brasil ainda é pequena a participação das mulheres nas instâncias de poder e acrescenta que “as trabalhadoras rurais e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) cresceram em organização e mantiveram presença em grandes manifestações”.

Ligia Mendonça é participante ativa de movimentos populares, em especial de saúde e de mulheres.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Na política, como a mulher está conquistando o seu espaço?

Ligia Mendonça – A participação das mulheres nos espaços de poder vem crescendo lentamente nos últimos 20 anos. Os exemplos estão bem perto de nós, com mulheres na presidência do Chile e da Argentina, embora estejamos longe do patamar alcançado pela Noruega. No Brasil, ainda é pequena a participação delas nas instâncias de poder. No Legislativo, elas são 12% no Senado e 9% na Câmara. No Executivo, representam 15% dos governadores e apenas 7,5% dos prefeitos. No poder Judiciário, chegam a 18% no Superior Tribunal de Justiça (STJ), mas ficam em 6% em outros tribunais federais. A lei que estabelece que todos os partidos reservem cotas de 30% para candidaturas de mulheres não foi suficiente para alavancar a participação feminina em disputas

eleitorais. Ainda há medo e desconhecimento das manhas desses assuntos por parte das mulheres, além da falta de suporte financeiro para campanhas que são cada vez mais caras.

Repare que parte das que são bem-sucedidas está ligada a alguma família que já tem tradição na política do seu estado. Por outro lado, seria preciso acompanhar a trajetória delas em outras entidades e ver quantas estão em cargos de direção em sindicatos e ONGs. O histórico de muitas entidades de grande concentração de mulheres, como os sindicatos de professores e bancários, mostra que raramente elas ocupam a presidência. Sabe-se, por outro lado, que a presença das mulheres é predominante nas associações de moradores e grupos comunitários, onde o trabalho é voluntário e é pequeno o poder financeiro. Embora promissor, quero ressaltar que não basta um aumento quantitativo das mulheres nos espaços de poder. Se buscarmos uma efetiva mudança na forma de exercício do poder e a superação das profundas desigualdades do país, inclusive as de gênero, será preciso verificar que compromisso têm essas mulheres poderosas com a democratização do poder, a prioridade no uso de verbas públicas e o enfrentamento do machismo.

IHU On-Line – A senhora acredita que os movimentos femininos estão organizados? São eles fundamentais para a conquista de políticas públicas que favoreçam as mulheres, tanto na conquista de seus direitos na saúde quanto no combate à violência doméstica e às desigualdades sociais no nosso país?

Ligia Mendonça – Não sei dizer com relação ao país como um todo. Pelo que acompanhei de perto no Paraná, minha impressão é de que houve um descenso na organização dos movimentos de mulheres nos anos 1990, comparando-se às décadas anteriores. Talvez seja apenas questão de visibilidade. Percebo que as trabalhadoras rurais e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) cresceram em organização e mantiveram presença em grandes manifestações. Também cresce a presença das mulheres negras que recentemente se organizaram no Paraná em uma Rede. Creio que está ocorrendo uma “especialização” dos movimentos: os grupos são menores e concentram-se em temáticas específicas, como é o caso da Rede Feminista de Saúde, à qual pertencço. Além disso, ocorreu um deslocamento da militância: um número considerável de mulheres, antes nos movimentos, hoje ocupa postos dentro do governo e contribuem para a execução de políticas que antes reivindicavam de fora.

Ainda há importantes grupos organizados, como a Marcha de Mulheres, e todos são fundamentais para exigir e acompanhar as políticas públicas destinadas a alavancar a igualdade de gênero e a diminuir as desigualdades no acesso a outros direitos fundamentais da classe trabalhadora e populações vulneráveis. Mas é preciso continuar ampliando, chamando mais e mais mulheres para refletir e agir sobre questões que afetam sua saúde, integridade física e cidadania. A maior parte delas ainda desconhece seus direitos ou onde buscar ajuda, e pouco sabe sobre a história do feminismo e as lutas de tantas companheiras no século XX, que possibilitaram a conquista de um patamar mais favorável para as que viverão suas vidas neste século.

IHU On-Line – Qual é a sua opinião sobre a atuação da mulher negra no mercado de trabalho? Ela já consegue usufruir da tecnologia? Como vencer a barreira da desigualdade no mercado de trabalho quando entra em jogo a questão racial?

Ligia Mendonça – Os dados de salário e inserção no mercado de trabalho mostram que as mulheres em geral têm situação desfavorável em rela-

ção aos homens, com salários inferiores e maior dificuldade de ascensão nas carreiras. Esse quadro é pior para a população negra e ainda mais negativo para as mulheres desse grupo. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005 (PNAD), entre a parcela dos mais pobres do país 73,5% são negros, e a taxa de analfabetismo entre eles (15%) é o dobro daquela encontrada entre os brancos. A enorme quantidade de mulheres que trabalham como empregadas domésticas revelam um problema estrutural de nossa economia. A herança escravista nos legou um preconceito contra o trabalho manual. Junte-se a isso o fato de ser “trabalho de mulher” e se tem um desvalor associado ao trabalho doméstico, que se reflete nos baixíssimos salários desse contingente de trabalhadoras com alta presença de mulheres negras.

Contraditoriamente, é a presença delas que permite que milhões de outras mulheres possam se profissionalizar e participar da vida pública. Nos países socialistas, e alguns de capitalismo avançado, isso não ocorreu, e as mulheres conseguiram que os governos implantassem creches e outros serviços coletivos. Assim, o trabalho de faxineiras e outros a domicílio ocorre em menor escala e tem uma remuneração bem mais alta. No caso das mulheres negras, é preciso aumentar a participação em movimentos, redes, associações, para denunciar situações de discriminação e continuar exigindo políticas afirmativas, como a garantia de cotas em universidades para alunos de escola pública e afrodescendentes e medidas para garantir a permanência e sucesso desses alunos ao longo da vida escolar. Insistir também na discussão sobre o racismo ainda mascarado e negado na sociedade brasileira, sendo um importante avanço a lei 10.639/2003, que prevê a inclusão de temas étnico-raciais nos currículos escolares, assim como o decreto 4.886 do mesmo ano que prevê a construção de uma Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial, e a tramitação do Estatuto da Igualdade Racial, em proposta do senador Paulo Paim (PT/RS).

IHU On-Line – Nas conquistas femininas, é possível dizer que a mulher deixou de ocu-

par papel de sombra do homem ao longo da história? Como vencer o patriarcado, escola de dominação que destinou ao homem o lugar mais alto nas esferas públicas, bem como o controle da sexualidade feminina, entre outros, através das religiões?

Ligia Mendonça – Estamos melhorando, mas a luta é longa. Foram milênios de patriarcado, de aprendizado da submissão, e não se altera isso em cem anos. Mas o século XX pode ser considerado o grande marco da virada. O tema da desigualdade de gênero deve integrar os currículos escolares e de todos os espaços educativos de sindicatos, associações e partidos que desejam superar a exploração de classe e de gênero para construir um mundo mais justo.

A questão da sexualidade precisa ser retomada com insistência nas escolas, com participação de pais e professores. Devido a um conjunto de mudanças sociais, as mulheres se tornaram muito mais livres para transar e a gravidez fora do casamento já não pesa tanto sobre a mulher. Mas novas questões surgiram: as meninas e adolescentes de fato conhecem seu corpo, têm prazer e decidem como e com quem fazem sexo ou continuam sendo objeto do desejo e da disputa masculina? Por que elas ainda são vistas pejorativamente como “galinhas”, enquanto eles se afirmam como “galo” ou “garanhão”? O crescimento da gravidez entre as adolescentes e a contaminação pelo HIV são um indício de que muitas não exigem o uso da camisinha e deixam de cuidar de sua saúde e de sua autonomia. Para superar a dicotomia entre sexualidade e afetividade, meninos e meninas precisam ser educados de forma mais igualitária, permitindo-se e valorizando-se para os meninos a expressão do afeto, do toque, das emoções e não só a força e a capacidade de ereção sexual. Para os homens já adultos, talvez o caminho mais promissor seja permitir e insistir para que cuidem de seus bebês, como sugere Elisabeth Badinter em seu livro XY: sobre a identidade masculina (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993). Há que perguntar se isso é possível sob o regime capitalista que exige, para realizar o lucro, a competição, a prevalência da força, a persistência da guerra, a depredação de recursos naturais. O modelo masculino de dominação tem sido adequado para esse fim.

IHU On-Line – Como têm se dado as relações de trabalho com a evolução das questões de gênero?

Ligia Mendonça – As mulheres já são maioria nas escolas e mesmo nas universidades, mas se inserem ainda de forma subordinada no mercado de trabalho, em ocupações de menor qualificação e salários inferiores. A dupla jornada e o cuidado com os filhos impedem que muitas se dediquem à carreira profissional da mesma forma que os homens. A igualdade tende a ser maior quando são solteiras e/ou não tem filhos, pois há falta de creches e também permanece a pressão cultural e familiar para que elas sejam “boas mães e boas donas de casa”. A divisão de trabalho doméstico está longe de ser equitativa no casal. Um ponto de luta comum deveria ser a redução da jornada de trabalho para homens e mulheres, com o aumento do compartilhamento das tarefas domésticas. Outras questões ainda relevantes são o assédio sexual sobre as mulheres em situações de trabalho, as demissões em caso de gravidez ou a dificuldade de admitir mulheres em idade fértil. Mas desconheço dados estatísticos sobre isso.

IHU On-Line – O que é preciso ainda para a mulher conquistar a sua verdadeira emancipação?

Ligia Mendonça – Continuar a agir contra as desigualdades de gênero, pequenas ou grandes, e refletir para entender como foi possível tantos séculos de patriarcado. Uma poderosa articulação de interesses econômicos, sociais e culturais ocorreu e persistiu em tão diferentes sociedades sobre a face da terra, nas quais o patriarcado prevaleceu e foi sendo enfraquecido. Essa questão está longe de se esgotar. Como feminista e socialista, considero que a verdadeira emancipação de homens e mulheres só poderá ocorrer quando um novo modo de produção superar o capitalismo, e as riquezas e bens culturais produzidos por todos possam ser desfrutados de forma equitativa. Até lá, não desanimemos. Em cada espaço onde aqui e agora se discutem e aplicam formas mais igualitárias de produção, consumo e poder se pode antever e preparar um outro jeito de se estar no mundo.

“Nenhuma mulher está a salvo em uma sociedade patriarcal e misógina”

Entrevista especial com Montserrat Sagot

Para a professora Montserrat Sagot, a violência ocorre independentemente das condições econômicas e educativas.

Por Graziela Wolfart

“Mesmo que nas últimas décadas tenha ocorrido um aumento na consciência social sobre a problemática e em quase todos os países da América Latina se tenham implementado programas, leis e políticas, a forma mais comum de uma mulher lidar com a violência é mantê-la na intimidade ou recorrer a pessoas próximas ou familiares.” A lamentável constatação é da socióloga costarriquenha Montserrat Sagot, em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**. Ela explica também o conceito de “rota crítica”, que é “um processo que se constrói a partir da sequência das decisões e ações executadas pelas mulheres afetadas pela violência e as respostas encontradas em sua busca de soluções”.

Doutora em Sociologia, e especializada em Sociologia de Gênero pela American University, de Washington/Estados Unidos, Montserrat Sagot é professora na Universidad de Costa Rica. É autora de uma grande variedade de publicações e pesquisas relacionadas ao gênero, à violência contra as mulheres, aos direitos das adolescentes, entre outros.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quais são os principais tipos de violência sofrida pela mulher contemporânea e como ela lida com essas diferentes formas de agressão?

Montserrat Sagot – A violência contra as mulheres possui uma grande diversidade de formas na sociedade contemporânea. Algumas delas são a violência física, a sexual e a psicológica. Mas a forma mais extrema de violência contra as mulheres é o femicídio ou o assassinato misógino. Geralmente, estas formas de violência adquirem o formato de uma espiral. Ou seja, uma mulher que sofre violência cotidianamente em geral experimenta todas as formas de violência e corre o risco de que ela aumente. Há uma relação, também, entre ter sofrido violência na infância e sofrer violência na vida adulta. Uma mulher que foi maltratada quando menina tem três vezes mais probabilidade de sofrer violência na vida adulta do que uma que não sofreu. Mesmo que nas últimas décadas tenha ocorrido um aumento na consciência social sobre a problemática e em quase todos os países da América Latina tenham sido implementados programas, leis e políticas, a forma mais comum de uma mulher lidar com a violência é mantê-la na intimidade ou recorrer a pessoas próximas ou familiares. Ou seja, ainda é uma minoria de mulheres que recorre a algum dos serviços existentes ou denuncia a violência sofrida. As mulheres que mais tendem a denunciar publicamente são aquelas que sofreram violência por parte de um homem com o qual não mantinham uma relação próxima.

IHU On-Line – A senhora conhece bem a realidade da violência contra as mulheres na América Central e na América do Sul. Qual é a especificidade da região nesse tema? A violência sofre diferença de um continente para outro?

Montserrat Sagot – Dadas as condições de grande desigualdade na América Central, a violência contra as mulheres começa a adquirir dimensões realmente alarmantes. Em todos os países, mas principalmente na Guatemala, Honduras e El Salvador, os índices de violência contra as mulheres são os mais altos do mundo. Só na Guatemala se cometem mais de 700 feminicídios por ano e a forma como as mulheres são assassinadas denota altos níveis de ódio e de sadismo. Nas sociedades com uma história de violência social e política e onde existem grandes desigualdades, como é o caso de muitos dos países da América Central, a violência contra as mulheres também adquire maiores níveis e características mais dramáticas do que em outros países.

IHU On-Line – O que podemos considerar como “rotas críticas” no caso das mulheres enfrentando as violências?

Montserrat Sagot – A rota crítica é um processo que se constrói a partir da sequência das decisões e ações executadas pelas mulheres afetadas pela violência e as respostas encontradas em sua busca de soluções. Este é um processo interativo constituído tanto pelos elementos relacionados com as mulheres afetadas e as ações empreendidas por estas quanto pela resposta social encontrada, o que, por sua vez, se converte em um elemento determinante da rota crítica. O início da rota crítica pode ser considerado como o “romper o silêncio”. Ou seja, as mulheres iniciam sua rota crítica quando decidem revelar sua situação de violência a uma pessoa fora de seu âmbito doméstico ou familiar imediato, como uma tentativa de buscar soluções. Com este conceito se parte do pressuposto de que existe uma série de fatores que impulsionam ou inibem uma mulher a buscar ajuda, entre eles a informação e o conhecimento que possui, suas percepções e atitudes, os recursos disponíveis, sua experiência prévia, a valorização da situação, e os apoios e obstáculos encontrados. Nesse sentido, a rota crítica envolve as decisões e ações empreendidas pelas mulheres e as respostas encontradas tanto em seu âmbito familiar quanto institucional. No âmbito institucional, os fatores de resposta estão associados ao acesso, disponibilidade e quali-

dade dos serviços, os quais estão determinados tanto por fatores estruturais e normativos, como pelas representações sociais, atitudes da comunidade em geral e dos prestadores de serviços.

IHU On-Line – Educação e condição econômica favorável são fatores que inibem ou impedem a violência contra a mulher?

Montserrat Sagot – Não se tem conseguido estabelecer uma relação causa-efeito entre esses fatores e a violência contra as mulheres. Os resultados das pesquisas a nível mundial não permitem chegar a conclusões definitivas sobre os efeitos da educação e as condições econômicas. Em alguns países, uma melhor condição econômica e educativa parece pôr ainda mais as mulheres em risco frente à violência. Em outros, esses fatores ajudam a sair da violência. Dadas essas situações, a conclusão a que se chega é a de que a violência ocorre independentemente das condições econômicas e educativas, e que ainda que essa violência possa adquirir características diferentes segundo o nível educativo, a etnia, a região geográfica, a classe social etc., nenhuma mulher está a salvo em uma sociedade patriarcal e misógina.

IHU On-Line – Quais são os principais danos psicológicos de uma mulher que sofre violência?

Montserrat Sagot – Como resultado da violência, frequentemente, as mulheres maltratadas sofrem dores de cabeça de forma crônica, transtornos sexuais, depressões, fobias e medos. A principal consequência é uma baixa auto-estima que não lhes permite buscar ajuda para sair da situação.

IHU On-Line – Nos países que a senhora pesquisou, o Estado apoia as mulheres vítimas de violência? Percebe-se alguma evolução, nesse sentido, na última década, na América Latina?

Montserrat Sagot – Em todos os países da América Latina, aprecia-se um avanço considerável na atenção da violência contra as mulheres em relação com o realizado há 15 ou 20 anos. A violência contra as mulheres deixou de ser considerada um assunto privado para passar a ser entendida como

um problema público, sobre o qual os estados devem assumir responsabilidade. Por isso, se tem desenvolvido uma grande quantidade de programas e políticas, tanto setoriais quanto gerais, para enfrentar a violência. Isso representa uma conquista do movimento de mulheres que conseguiu colocar a problemática no debate público e tirá-lo do âmbito do secreto. No entanto, apesar dos avanços, em nenhum país, os estados são capazes de garantir às mulheres uma vida livre de violência e de prevenir a impunidade.

IHU On-Line – Como entender o comportamento violento? Ainda vivemos em uma cultura da violência, difundida até dentro das famílias?

Montserrat Sagot – O comportamento violento é resultado de uma sociedade construída sobre hierarquias sociais, onde se ensina às pessoas que se encontram nos lugares mais altos da hierarquia a controlar e a dominar os que são considerados mais fracos ou até inferiores. A violência é uma das formas mais estendidas para o exercício desse controle e domínio. Na medida em que continuarem existindo as hierarquias sociais, baseadas no gênero, na etnia, na idade, na classe social etc., será muito difícil construir uma sociedade na qual se estabeleçam relações igualitárias e não violentas.

IHU On-Line – A senhora já trabalhou em uma ONG que atendia mulheres maltratadas. O que aprendeu de mais marcante com essa experiência?

Montserrat Sagot – Essa foi uma das experiências mais enriquecedoras de minha vida. Nos grupos de apoio para mulheres maltratadas, aprendi

sobre solidariedade entre mulheres, sobre fortalezas e sobre a capacidade do ser humano, neste caso das mulheres, para resistir à violência e à opressão, inclusive sob as piores circunstâncias. Também aprendi como muitas mulheres são capazes de manter a esperança de uma vida melhor, ainda que tudo a seu redor lhes diz que devem conformar-se e aceitar a violência como um destino inevitável.

IHU On-Line – Quais são os passos mais importantes para evitar o femicídio em nossas sociedades? Por que a mulher corre mais perigo de morte ao lado de homens próximos a ela do que de estranhos?

Montserrat Sagot – A melhor forma de prevenir o femicídio é aceitar a ideia de que para as mulheres o lar é o lugar mais perigoso, e a família, o grupo social mais violento. É preciso ajudar as mulheres a romper com os mitos de que correm maior perigo diante de estranhos e de que os lugares mais perigosos são as ruas ou os espaços fora de suas casas. A maioria dos atos de violência contra as mulheres, assim como os femicídios, são cometidos dentro das quatro paredes do lar, e os principais perpetradores são homens próximos. Por isso, tanto as políticas públicas quanto os programas para prevenir e enfrentar a violência devem partir da premissa de que, para as mulheres, quanto mais próximo, mais perigoso. Isso ajudará as mulheres e suas famílias a estarem preparadas e servirá como um instrumento à polícia e aos operadores de justiça para que compreendam o perigo de morte real que enfrentam as mulheres quando convivem ou têm relações próximas com um agressor.

Mulher e sexualidade sob um olhar sociolinguístico interacional

Entrevista especial com Ana Cristina Ostermann

“Gênero, sexualidade e violência: uma investigação sociolinguística interacional de atendimento à saúde da mulher” é o título da pesquisa que a professora Ana Cristina Ostermann está desenvolvendo. Nela, Ana Cristina investiga as atuais políticas nacionais de saúde, em especial a Política Nacional de Humanização SUS e a Atenção Integral à Saúde da Mulher, buscando o valor da linguagem no processo de humanização da relação entre médico e paciente mulher. A **IHU On-Line** entrevistou, pessoalmente, a professora.

Na entrevista, que você confere a seguir, Ana Cristina fala da interação da pesquisa com a mulher e sua sexualidade, da observação sociolinguística dos atendimentos médicos e não-médicos pesquisados e das relações de poder compreendidas através do processo utilizado no trabalho. “Numa perspectiva feminista, tentamos resgatar que a mulher também tem o controle, conhecimento sobre seu corpo”, afirma a professora, sem esquecer de que tudo isso é possível através do tipo de informação que essa mulher recebeu.

Ana Cristina Ostermann é graduada em Letras pela Unisinos. Realizou mestrado em Inglês e Literatura Correspondente pela Universidade Federal de Santa Catarina, e em Linguística pela University Of Michigan, nos Estados Unidos. Atualmente, Ana Cristina é secretária da International Association of Gender and Language, nos Estados Unidos, e professora do curso de Letras da Unisinos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Como a sua investigação sociolinguística interage com a mulher e a sexualidade?

Ana Cristina Ostermann – A minha pesquisa está dividida em duas partes. Estou observando como se dão as interações num posto de saúde que tem um setor especializado na saúde da mulher. Quando eu digo que estou tratando de sexualidade e violência, é porque tudo isso pode ser relatado na interação com um médico de um posto que se mobilizou para atender uma solicitação do governo por meio de uma política nacional de humanização do SUS (Sistema Único de Saúde). Ou seja, o posto se mobilizou para oferecer um atendimento diferenciado. Na outra parte da pesquisa, observamos os atendimentos não-médicos, feitos a partir de um telefone do Ministério da Saúde, o Disque Saúde¹⁵. Dentro desse “atendimento”, existe um menu específico sobre a saúde da mulher. Essas duas partes visam a ver se está se dando ou não o processo de humanização nos dois tipos de atendimento. Esse call center criado pelo governo atende mulheres que ligam para o telefone indicado e querem saber coisas muito específicas, por exemplo como se usa uma camisinha, ou para se informarem sobre os diferentes tipos de contraceptivos que existem.

IHU On-Line – E como funcionará a pesquisa sociolinguística interacional?

Ana Cristina Ostermann – O que interessa para a pesquisa é como as pessoas se comunicam no mundo, ou seja, como se dá o processo de comunicação entre elas. Diferentemente de quando

¹⁵ 0800-611997. Funciona todos os dias da semana, das 8 às 18 horas.

faço uma entrevista e pergunto à mulher como ela foi atendida, nesta pesquisa, eu olho para o evento discursivo em si. Ou seja, nós entramos no consultório com a mulher, gravamos as interações em áudio e, a partir dali, nós transcrevemos o que ela disse, mas de uma forma diferente do jornalismo e da psicologia. Isso porque, na transcrição, marcamos inclusive exaltação e repetição, percebidas quando a mulher demonstra a dificuldade que tem de falar sobre seu próprio corpo. Nós podemos ver, a partir da transcrição, a dificuldade que ela tem ao lidar com seu próprio corpo, com a sexualidade e tantas outras coisas que fazem parte do seu mundo. Então, nós gravamos o evento, que chamamos de naturalístico. Não é um evento criado, pois não tem uma pauta a ser seguida, isto é, as conversas gravadas num evento naturalístico aconteceriam mesmo se não estivéssemos gravando. Elas são analisadas a partir de uma perspectiva chamada análise da conversa e sociolinguística interacional. Observa-se e analisa-se como as pessoas dão conselhos umas às outras, como os tratamentos são prescritos, informados e os procedimentos que devem ser realizados. São mil coisas que as pessoas fazem interacionais no dia-a-dia que nós transcrevemos e, de uma forma sistemática, analisamos.

IHU On-Line – Como a senhora vê o resgate do valor da linguagem em relação à humanização dos médicos, ao tratar de mulheres que sofreram algum tipo de violência?

Ana Cristina Ostermann – Isso é algo que nós prevíamos que apareceria nos dados, mas não tivemos nenhum caso de mulher que relatasse violência. Imagino que se isso estiver acontecendo para o pessoal da saúde, é na porta de um posto de emergência, ou seja, a mulher procura auxílio médico assim que o fato ocorreu. Nenhuma de nossas entrevistadas relatou algo nesse sentido, pelo menos até agora. Claro que nós pedimos autorização para acompanhá-las durante a consulta e recebemos diversas negativas. Além disso, nessas interações não sabemos o que aconteceu, se a paciente relatou alguma coisa dessa ordem, por exemplo. Esse é o aspecto que está nos faltando ainda. Com a pesquisa do call center criado pelo

Ministério Público em julho, talvez tenhamos acesso a algumas coisas dessa natureza, pois sabemos que no encontro face a face é mais difícil relatar uma violência sofrida. Mas, por exemplo, se alguém liga para o call center que, obviamente, não conhece, talvez seja muito mais fácil encontrar esse tipo de relato/denúncia.

IHU On-Line – E como a senhora tem investigado a humanização da linguagem utilizada, em especial, pelo SUS?

Ana Cristina Ostermann – Essa política nacional de humanização do SUS é algo de uma dimensão muito maior do que a linguagem. Na verdade, se olharmos um documento que se chama Manual de Humanização do SUS, veremos apenas dois parágrafos que falam sobre linguagem. O restante do documento está voltado para, por exemplo, a diminuição de filas e o aparelhamento dos postos de saúde, elementos que, é claro, também fazem parte de um processo de humanização. No entanto, como eu sou da área de linguagem e sei que por meio dela se pode humanizar muito uma relação, inclusive com pouquíssimos recursos, nós começamos a desenvolver a pesquisa. Assim, estamos atentando para um meio mais barato e mais fácil de ajudar alguém a ser tratado.

IHU On-Line – E como, por exemplo, a psicologia é inserida dentro da sua pesquisa?

Ana Cristina Ostermann – Por mais que pareça que tem um viés psicológico, não tem. Pois sempre dizemos que em pesquisa de sociolinguística interacional tudo o que não fazemos é entrar na cabeça das pessoas, mas temos acesso ao que elas fazem no mundo por intermédio da linguagem. Esse é o acesso que nós temos: o de que por meio da linguagem podemos ver o processo de humanização também. Ou seja, como eu trato alguém nas minhas práticas interacionais reflete o quanto estou ou não preocupado com o outro, com o próximo. Mas a parte psicológica não é observada por nós. A não ser que as pessoas externem isso de alguma forma.

IHU On-Line – Mas a pesquisa pode ser utilizada pela área da psicologia?

Ana Cristina Ostermann – Pode. Há muitas pessoas da psicologia que trabalham com uma questão específica, que é como se dá a má notícia, assim como tem muitas pessoas da Linguística que pesquisam para entender como os médicos fazem esse processo de informar ao paciente algo que não é bom para ele. Esse é um dos pontos de contato que se estabelece com a psicologia.

IHU On-Line – Como a senhora acha que as pessoas estão sendo informadas no que diz respeito aos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis e violência de gênero?

Ana Cristina Ostermann – Eu vejo com bons olhos esse call center do Ministério da Saúde para o qual eu posso ligar, falar por quanto tempo quiser e perguntar sobre absolutamente tudo. Eu estava em Brasília, em maio, acompanhando esse processo, e ouvi algumas das gravações. Percebi que há, por exemplo, meninas muito jovens, inclusive com uma voz quase infantil, que ligam. Então, a pessoa que está do outro lado da linha pode ir adequando sua fala à pessoa que está ligando. Nesse sentido, eu acho muito bom. Nos postos de saúde, também há um processo muito bom, sabendo que uma das primeiras perguntas que o médico faz à pessoa é se ela está “se cuidando”. Já em escolas não sei muito bem como este processo vem acontecendo, mas há muitos cartazes, programas etc.

IHU On-Line – E, para entender esse processo sociolinguístico, qual é a perspectiva sob a qual a pesquisa está sendo analisada? É feminista?

Ana Cristina Ostermann – Como eu tenho já há anos uma preocupação com pesquisa de gênero, não há como eu não olhar por uma perspectiva mais feminista. Sabemos que a medicina tomou conta do corpo da mulher, fazendo com que

ela perdesse um pouco do controle sobre ele. Numa perspectiva feminista, tentamos resgatar a ideia de que a mulher também tem o controle, conhecimento sobre seu corpo, opção de escolhas sobre o que quer fazer em termos de contracepção, mas, para isso, ela precisa estar informada. Eu acho que precisa ser resgatada a “agentibilidade” para a mulher sobre o seu próprio corpo, mas, ao mesmo tempo, com muita informação. Isso porque não consigo fazer decisões sobre mim se eu não tenho informação. Então, eu digo que meu trabalho está preocupado com esses dois vieses, com essas duas perspectivas. Não há psicologias, mas sim, por certo, uma perspectiva feminista e linguística.

IHU On-Line – Através desse processo, é possível compreender, por exemplo, as relações de poder?

Ana Cristina Ostermann – Totalmente. Por exemplo, há vários mecanismos que utilizamos na fala-interação. Na repercussão da fala do outro, há falas que chamamos de condescendentes. Um exemplo de fala condescendente é: “Tenho uma filha de quatro anos e quando eu a levo ao médico pediatra, ele diz: ‘levanta a blusinha, dá o bracinho etc.’ ”. Quando um médico fala com uma paciente adulta, essa é uma forma condescendente; trata a pessoa de uma forma minimizada, infantilizada. Outro exemplo é a interrupção da fala do paciente.

Essa é uma questão crucial de linguagem, pois quem está com a caneta na mão e o receituário é o médico. Por outro lado, o poder de decisão é do paciente. Quantas vezes saímos de um atendimento, público ou privado, sentindo que não falamos tudo o que queríamos porque lá pelas tantas o médico já estava destacando seu receituário e arrumando sua mesa? Esses gestos implicam questões de poder.

Um não-lugar para a mulher

Entrevista especial com Carla Rodrigues

Segundo a jornalista e filósofa, precisamos nos liberar do processo de determinar um lugar para as mulheres. Para ela, “apostar na singularidade, e não num ideal totalizante, parece ser o grande desafio da filosofia hoje”.

A mestre em filosofia Carla Rodrigues, juntamente com o doutor Rafael Haddock Lobo, ministra na PUC-Rio um curso que busca refletir sobre os limites do humanismo e a defesa dos direitos reivindicada pela política feminista. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Carla parte do tema deste debate e analisa aqui a presença da mulher na filosofia ao longo dos tempos. “A passagem para a modernidade, caracterizada pela busca da autonomia e da individualização, foi particularmente difícil para as mulheres, na medida em que esse projeto de configuração de um sujeito autônomo foi um projeto masculino”, afirmou. Ela também falou do espaço que a mulher ocupa no mundo hoje, no discurso feminista presente na política e sobre a visão de filósofos importantes, como Heidegger, da mulher. “Eu diria que a grande contribuição do feminismo ao discurso filosófico contemporâneo é a valorização, sim, da diferença, mas não a diferença como simples oposição binária entre masculino e feminino, mas a diferença como um processo de diferenciação que se dá a cada vez”, enfatizou.

Carla Rodrigues é graduada em Comunicação Social pelas Faculdades Integradas Hélio

Afonso, no Rio de Janeiro, e especialista em Arte e Filosofia pela PUC-Rio, onde obteve o título de mestre em filosofia e onde é, atualmente, doutoranda na mesma área. Nesta mesma instituição, Carla é professora no Departamento de Comunicação Social. É autora de *Mulheres no ataque* (São Paulo: Planeta, 2003), *Brasileiras – Guerreiras da paz* (São Paulo: Editora Contexto, 2006) e *Betinho – Sertanejo, mineiro, brasileiro* (São Paulo: Planeta, 2007), que foi tema de uma outra entrevista à **IHU On-Line**.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Historicamente, as mulheres foram desligadas do pensamento. Eram vistas como paixão, enquanto os homens representavam a razão. Para a senhora, que lugar a mulher ocupa no mundo hoje e qual espaço ela deveria ocupar?

Carla Rodrigues – O ideal seria o momento em que a mulher possa ocupar o lugar que ela quiser, ou ainda, que não haja a preocupação do pensamento em determinar “um lugar para a mulher”. Aquilo que o filósofo Jacques Derrida¹⁶ chama de “ilusão topográfica”, que consiste em enxergar algum tipo de libertação no processo de determinar um lugar para as mulheres. Isso foi o que a tradição sempre fez. Rousseau¹⁷ queria “educar” So-

¹⁶ **Jacques Derrida** foi um importante filósofo francês de origem argelina, conhecido principalmente como criador da desconstrução. Seu trabalho (frequentemente associado com o pós-estruturalismo e o pós-modernismo), teve um profundo impacto sobre a teoria da literatura e a filosofia continental.

¹⁷ **Jean-Jacques Rousseau** foi um filósofo suíço, escritor, teórico político e um compositor musical autodidata. É também um precursor do romantismo. Suas ideias políticas tiveram grande influência nas inspirações ideológicas da Revolução Francesa, onde as concepções liberais se difundiram e guiaram ideologicamente a Revolução.

fia. Kant¹⁸ determinou que as mulheres eram o belo sexo. O não-lugar para as mulheres seria algo de inovador nessa linhagem.

IHU On-Line – De que forma a filosofia política avançou na modernidade com a presença do feminino? Dentro da filosofia moderna, como se dá a teoria feminina?

Carla Rodrigues – A passagem para a modernidade, caracterizada pela busca da autonomia e da individualização, foi particularmente difícil para as mulheres, na medida em que esse projeto de configuração de um sujeito autônomo foi um projeto masculino. Às mulheres era designado o papel de cuidar da família e dos filhos para que essa família servisse como base para o exercício da atividade pública para os homens. Elas foram confinadas ao espaço privado. Ao mesmo tempo, é na passagem da modernidade que crescem os conflitos e emergem os movimentos de reivindicação de direitos para as mulheres, como voto, educação superior etc.

IHU On-Line – Pensadoras como Christine de Pisan¹⁹, Mary Wollstonecraft²⁰, Hildegarda²¹ e Aspásia²² marcaram presença na escola pitagórica, mas são praticamente inexistentes em manuais de história da filosofia hoje. No entanto, Simone de Beauvoir²³ e Judith Butler²⁴ são mulheres que ajudaram a desconstruir o gênero dentro da filosofia política. Como a senhora analisa a história da presença da mulher no desenvol-

vimento da filosofia? Que marcas aquelas mulheres da escola pitagórica deixaram à filosofia atual?

Carla Rodrigues – Na verdade, Beauvoir foi uma pensadora importante na construção do conceito de gênero como uma característica cultural, que se opõe ao sexo como característica natural. Já Butler é uma autora que dá importante contribuição na desconstrução daquilo que ela chama de “distinção entre sexo e gênero”. Note um aspecto importante na sua pergunta – as autoras que você cita como sendo da escola pitagórica estavam pensando as grandes questões da filosofia, e provavelmente por isso foram excluídas da história do pensamento. Já Beauvoir e Butler conseguiram espaço no pensamento contemporâneo porque foram classificadas como “teóricas de gênero”. Ou seja, o que quero dizer é que mesmo hoje ainda não há mulheres na filosofia, mas pensadoras que conseguiram, no máximo, espaço como teóricas dos temas ligados ao feminino, como se apresentassem um pensamento de segunda categoria em relação às grandes questões filosóficas.

IHU On-Line – Em relação ao discurso sexual hoje dominante, podemos dizer que a filosofia política moderna e seu ideal de liberdade e igualdade universal não se concretizou na teoria nem na prática?

Carla Rodrigues – A mim, parece que os pensadores contemporâneos mais interessantes, hoje, são os que questionam o ideal de universalidade,

¹⁸ **Emanuel Kant** foi um filósofo alemão, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes. É também conhecido pela sua filosofia moral e pela sua proposta, a primeira moderna, de uma teoria da formação do sistema solar. A revista **IHU On-Line** n° 93 teve como tema de capa o autor.

¹⁹ **Christine de Pisan** foi a única mulher medieval, pelo que se sabe, a ganhar a vida escrevendo. Teve de transformar seu saber em profissão. Foi reconhecida como autora brilhante já em vida e compôs inclusive uma biografia do rei Carlos V, além de obras educativas para mulheres e textos de caráter memorialístico e biográfico.

²⁰ **Mary Wollstonecraft** foi uma escritora britânica, considerada como pioneira do moderno feminismo. Via a educação como um caminho para as mulheres conquistarem um melhor “status” econômico, político e social e defendia o direito à igualdade na formação.

²¹ **Hildegarda de Bingen** foi uma mística, filósofa, compositora e escritora alemã, abadessa de Rupertsberg em Bingen.

²² **Aspásia de Mileto** foi amante de Péricles, com quem teve um filho. Muito influente no círculo filosófico e político de Atenas, promovia reuniões literárias em sua casa e participava do debate político da época. Após a morte de Péricles, Lísicles o sucedeu à testa do partido democrático, e também no leito de Aspásia.

²³ **Simone de Beauvoir** foi uma escritora, filósofa existencialista e feminista francesa. Escreveu romances, monografias sobre filosofia, política, sociedade, ensaios, biografias e uma autobiografia. Foi companheira de Sartre.

²⁴ **Judith Butler** é uma filósofa pós-estruturalista estadunidense, que contribuiu para os campos do feminismo, Teoria Queer, filosofia política e ética. Confira a entrevista que Butler concedeu ao n° 199 da revista **IHU On-Line**.

a serem substituídos pelo de singularidade. É assim, por exemplo, no pensamento da desconstrução, em que Derrida vai apontar para a violência do universalismo. Apostar na singularidade, e não num ideal totalizante, parece ser o grande desafio da filosofia hoje.

IHU On-Line – O feminismo surge como pensamento da diferença dentro do discurso político moderno?

Carla Rodrigues – Há uma falsa disputa entre alocar o feminismo como pensamento da diferença ou pensamento da igualdade. De uma forma bastante genérica, há uma classificação das feministas francesas como sendo aquelas que defendem a diferença e as norte-americanas como as que defendem a igualdade. Joan Scott²⁵ é uma autora que mostra a inutilidade deste debate, argumentando que igualdade não se opõe à diferença, mas à desigualdade. Para ela, seria uma falsa questão ser ou “feminista da diferença” ou “feminista da igualdade”, num tipo de proposição em que se deve forçosamente optar por um dos lados.

Eu diria que a grande contribuição do feminismo ao discurso filosófico contemporâneo é a

valorização, sim, da diferença, mas não a diferença como simples oposição binária entre masculino e feminino, mas a diferença como um processo de diferenciação que se dá a cada vez.

IHU On-Line – Nietzsche²⁶, Heidegger²⁷ e Foucault²⁸ fizeram críticas ao humanismo. Como esses filósofos viam a presença da mulher na filosofia política?

Carla Rodrigues – Nietzsche foi um crítico importante de um certo tipo de feminismo que pretendia conferir à mulher o lugar da verdade. Heidegger pretendeu ignorar a diferença sexual, como bem demonstra Derrida num texto chamado *Différence sexuelle, différence ontologique*. E Foucault foi um importante autor na identificação de como alguns saberes, sobretudo a medicina, operaram para conformar as mulheres num determinado papel. Tomando esse cenário, me parece que o único autor que não deu uma contribuição relevante para pensar a mulher na política foi Heidegger, mas ainda assim a sua crítica ao humanismo dá uma contribuição indireta à questão do feminismo, que está hoje diante do desafio de se repensar para além da lógica humanista.

²⁵ **Joan Wallach Scott** é uma historiadora estadunidense.

²⁶ **Friedrich Wilhelm Nietzsche** foi um influente filósofo alemão do século XIX. Crítico da cultura ocidental e suas religiões e, consequentemente, da moral judaico-cristã. Associado por alguns ao niilismo e ao nazismo – uma visão que estudiosos como Foucault e Deleuze procuraram desfazer. O n° 127 da revista **IHU On-Line** foi dedicado ao filósofo.

²⁷ **Martin Heidegger** foi um filósofo alemão. É seguramente um dos pensadores fundamentais do século XX, quer pela recolocação do problema do ser e pela refundação da Ontologia, quer pela importância que atribui ao conhecimento da tradição filosófica e cultural. Os n° 185 e 187 da revista **IHU On-Line** foi dedicado ao filósofo.

²⁸ **Michel Foucault** foi um filósofo e professor francês. As teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. O n° 119 da revista **IHU On-Line** foi dedicado ao filósofo.

“A mulher, talvez, até nem precisasse de um dia especial”

Entrevista especial com Cecília Pires

Para a filósofa, “o desafio da mulher hoje é uma compreensão do equilíbrio e da paz no mundo” uma vez que “o mundo hoje precisa de muita paz, serenidade e equilíbrio, e o sujeito masculino da espécie é muito agressivo, belicoso, sai muito à caça, à dominação, talvez fazendo sofisticadamente no momento contemporâneo aquilo que já se fazia antes”.

Confira a entrevista.

Transformações, fortalecimentos e lutas marcam a vida das mulheres há muitos séculos. Pelas batalhas que travou e pelas dificuldades e desigualdades que enfrenta ainda hoje, a mulher ganhou um dia, o dia 8 de março. Para a filósofa Cecília Pires, em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, essa é uma data que nem precisaria existir se as pessoas voltassem a si mesmos e recompusessem um processo de integração com a sua humanidade. “Vamos pensar sobre a Lei Maria da Penha, criada exatamente como um protesto jurídico político sobre a violação de uma mulher. Seria muito melhor que não precisássemos dessa lei, já que a justiça não deveria ter um sexo, e deveria trabalhar com equilíbrio. Mas não é isso que acontece”, nos faz refletir a professora.

A partir da sua própria história como filósofa num campo onde o homem tem maior presença e destacando exemplos de mulheres que contribuem para o fortalecimento da cultura da mulher, ela nos concedeu essa entrevista para repensarmos o que é ser mulher, atualmente. “A mulher hoje é um sujeito que chegou a um lugar social histórico de reconhecimento. Ainda há, contudo, muitas coisas a serem resolvidas”, analisa.

Graduada em Filosofia, Pires é especialista em Orientação Educacional e mestre em Filosofia

pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). cursou doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com a tese O ISEB e a questão do nacionalismo. É pós-doutora pela Universidade Paris I, França. Professora nos cursos de graduação e pós-graduação de Filosofia da Unisinos, escreveu, entre outros, *Reflexões sobre Filosofia Política* (Santa Maria: Pallotti, 1986) e *Ética da Necessidade e outros desafios* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004). Organizou *Vozes silenciadas. Ensaios de Ética e Filosofia Política* (Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2003).

Confira a entrevista.

***IHU On-Line* – Quem é a mulher hoje?**

Cecília Pires – Essa é uma pergunta que exige algumas identificações. A mulher hoje se traduz por ser um sujeito de forte consciência de si mesmo, de sua identidade e seus direitos e perspectivas de vida, trabalho e realização. Penso que toda essa questão da comemoração do 8 de março (que tem a ver com a chacina que foi feita com as tecelãs de uma fábrica de Nova Iorque) mostrou uma evolução grande do papel da mulher no mundo, em todos os aspectos, desde a família, trabalho, lazer, vida política e religião. Penso, contudo, que, em determinadas culturas, a mulher ainda tem um papel secundário, submetida a vários processos de humilhação e exclusão social, e que as coisas vividas por ela ainda não são plenas. A mulher hoje é um sujeito que chegou a um lugar social histórico de reconhecimento. Ainda há, contudo, muitas coisas a serem resolvidas.

***IHU On-Line* – Quais são suas maiores conquistas e seus maiores desafios?**

Cecília Pires – O desafio da mulher hoje é uma compreensão do equilíbrio e da paz no mundo. Não que a mulher tenha que ser um eixo desse equilíbrio e paz, e falo isso do ponto de vista da minha subjetividade. Acredito que o mundo hoje precisa de muita paz, serenidade e equilíbrio, e o sujeito masculino da espécie é muito agressivo, belicoso, sai muito à caça, à dominação, talvez fazendo sofisticadamente no momento contemporâneo aquilo que já se fazia antes. A mulher cuidava da prole e o homem sai à caça. Esses papéis não se inverteram necessariamente. Eles se reproduziram de forma diferente.

Mas o desafio do equilíbrio no mundo hoje para a mulher é a questão maior, sobretudo quando vemos mulheres em lugares de destaque na política nacional e internacional. A questão da serenidade e da delicadeza, que fazem parte do universo feminino, sem qualquer tipo de discriminação à figura do masculino, que também pode ser delicado e equilibrado, é o grande desafio: junto com os companheiros homens, pensar a paz no mundo. As guerras, agressões e conflitos já se deram de todas as formas.

Lucidez e cumplicidade

É triste vermos nas manchetes dos jornais dois casos cruéis no Brasil, um no Nordeste, outro aqui no Sul, de meninas grávidas, violadas por padrastos e, quem sabe, com a cumplicidade da própria mãe. Ainda assim, um ou outro líder da igreja local condena o aborto feito em cumprimento da lei, pois havia risco de vida para a menina e a gravidez era oriunda de estupro. Com isso, não estou defendendo o aborto, até porque sou contra ele. Mas esses são casos de absoluta exceção. É muito triste que em pleno século XXI esses fatos aconteçam em nosso país. Então, nos perguntamos sobre a lucidez ou cumplicidade que as mulheres envolvidas nesses processos tiveram sobre essas crianças vítimas da violência masculina, e ainda pior, vinda de pessoas de dentro de casa.

Sobre as conquistas das mulheres, se pensarmos em relação ao modo de produção capitalista que seguimos, todos tem que ter trabalho. Então menciono as conquistas no mundo do trabalho, e

os direitos inclusive em consequência relacionados a esse mundo do trabalho. Nesse aspecto, há que se destacar o próprio reconhecimento profissional. Em décadas passadas, sobretudo até 1980, havia muita diferença entre salários femininos e masculinos. Havia empresas, como nossa Petrobras, que buscava poucas engenheiras, e mais engenheiros. Penso que essa questão discricionária está sendo superada em algumas situações. Infelizmente, ainda há muitas situações a serem resolvidas. Vamos pensar sobre a Lei Maria da Penha, criada exatamente como um protesto jurídico político sobre a violação de uma mulher. Seria muito melhor que não precisássemos dessa lei, já que a justiça não deveria ter um sexo, e deveria trabalhar com equilíbrio. Mas não é isso que acontece. Há, portanto, muitas lacunas, ainda, e pouco entendimento. Outro exemplo é que, às vezes, alguns setores da sociedade são muito discricionários com a questão da mulher e trata a questão das pessoas que lutam pela emancipação feminina com deboche. Esse respeito ainda precisa ser conquistado. Talvez a mulher até nem precisasse de um dia especial. A questão seria os humanos se voltarem a si mesmos e se recompoem num processo de integração de sua própria humanidade. Como isso não acontece, fazemos várias situações de identificação específica, como o dia do idoso, da criança, da mulher. Na verdade, a sociedade precisaria evoluir mais em relação a isso. Esse é o maior desafio.

IHU On-Line – Como percebe o poder e o pensamento feminino no mundo contemporâneo?

Cecília Pires – Esse poder e pensamento estão bastantes presentes no mundo de hoje. Há situações em que lideranças femininas cresceram de uma forma mais sólida, mas vinculada a representações como as mulheres do movimento negro, do Movimento Sem Terra, nas lutas sindicais, nas representações parlamentares, nas situações de governabilidade e representando vários segmentos sociais. Vejo que sempre parece uma espécie de destaque e esse destaque me parece pejorativo em relação à forma como a mulher se trata e se apresenta. Por exemplo, a mídia, em suas manchetes, fez várias observações um pouco irônicas, mordazes, sobre as cirurgias que a ministra Dilma

Rousseff²⁹ teria feito. Isso é absolutamente secundário na vida política do país. Se fôssemos pensar em inúmeros deputados, senadores e presidentes da República, inclusive, que fizeram essas cirurgias faciais, perceberemos que as manchetes dos jornais não tiveram o mesmo encaminhamento, fazendo esse tipo de declaração mordaz.

IHU On-Line – E por que a senhora acha que a mídia faz isso?

Cecília Pires – A mídia é muito estimulada por um espírito mesquinho, de um certo primitivismo de pensamento, pragmático, pobre. Ao invés de mostrar o que as pessoas como sujeitos sociais e políticos estão fazendo, ou não fazendo, tecendo críticas a partir de situações consolidadas, efetivadas, comprovadas, falam de detalhes sobre o corte de cabelo, o botox do rosto, o tipo de saia. A mídia quer alimentar um certo tipo de público que gosta disso.

IHU On-Line – De certa forma, a mulher, que tem um papel de formadora de opinião, contribui para isso?

Cecília Pires – Não penso que isso poderia ser colocado na generalidade. Penso que há algumas mulheres filósofas, sociólogas, escritoras, religiosas, líderes populares que contribuem muito para a formação de opinião. Mas é numa outra área, num outro viés da questão, não é simplesmente na questão estético-cultural. Não que essa não seja uma questão importante, a beleza é uma condição que construímos e gostamos, mas essa coisa de padrões de beleza, de estrutura corporal, de formas de se vestir e de se portar valendo como um modelo, fica parecendo um rito de estátua. Penso que a vida de uma mulher pública é muito invadida, devassada, e que às vezes é muito ruidoso tudo isso, e em nada contribui para o convívio social. Ainda que do ponto de vista do universo masculino isso também possa acontecer, não é de uma forma tão mordaz e caricata quanto é feito em relação à mulher.

São coisas de uma tibieza de espírito, de pessoas que não conseguiram ver as coisas em uma

totalidade de significados, com maior envolvimento para a humanidade e consigo mesmos. Isso é algo que deixa a desejar, no meu ponto de vista. A feminilidade e a masculinidade são características dos seres vivos da espécie e que tinham que ser respeitadas nessas condições, tais como se apresentam. Penso que tudo isso não contribui para a paz, e sim para a violência, para a competição. Claro que talvez haja muitas mulheres que até estimulam esse tipo de comportamento, podem até gostar de estar na mídia dessa forma, mas acho que não são todas as mulheres públicas que se enquadram nesse quesito.

IHU On-Line – Quais são os maiores preconceitos que persistem em torno das mulheres?

Cecília Pires – Um dos preconceitos que persistem é, de um modo geral, acerca da inteligência da mulher e da sua emocionalidade. Por mais que as mulheres se esforcem e lutem, escrevam, pesquisem, investiguem, isso é colocado com certo destaque, com uma espécie de espanto, e não como uma compreensão normal de que é própria do ser humano a inteligência. E a questão da sensibilidade também persiste. Permanece aquela estrutura cartesiana de uma divisão entre razão e sensibilidade, em que o homem é todo razão e a mulher é toda sensibilidade. Isso não é verdadeiro. O homem também sofre, sente, chora. Essas não são prerrogativas femininas. Mesmo assim, há situações, leituras, interpretações que vivenciam esse tipo de preconceito: que a mulher chora, faz charme, faz uso de sedução para conquistar as coisas, cativar os homens. Isso, colocado de uma forma pejorativa, pouco nobre. O ser humano em geral é sensível, sedutor, inteligente, bem como bruto, terrível, agônico, violento. Não existe uma dimensão de coisa perfeita que seja de coisa de homem, ou coisa de mulher. O problema é a forma como é colocado esse tipo de coisa.

Há preconceito até contra a mulher que dirige. A violência do trânsito está evidente. E há homens que, quando veem uma mulher ao volante, buzina, tomam atitudes pouco educadas, para

²⁹ **Dilma Vana Rousseff Linhares** é economista. Foi a primeira mulher a ser nomeada ministra-chefe da Casa Civil. Foi secretária de Minas e Energia durante o governo Alceu Collares no Rio Grande do Sul e retornou ao cargo durante o governo Olívio Dutra. Hoje, Dilma também é gerente do Programa de Aceleração de Crescimento (PAC), plano que visa ao crescimento econômico do Brasil.

dizer o mínimo. Se formos fazer uma coletânea dos ditos, anedotas, isso fica patente. É algo imenso do ponto de vista do preconceito. Infelizmente há coisas que não avançaram em várias situações. Há lugares que parece que são dados apenas ao mundo masculino. A humanidade ainda terá que caminhar e avançar muito nesse sentido, inclusive no Ocidente. Entra aí a questão dos mitos, de que atrás de todo grande homem há uma grande mulher, de que a mulher foi tirada da costela de Adão. Isso virou brincadeira, sarcasmo, e sempre se coloca a mulher em papel secundário. Acho isso desnecessário, porque homens e mulheres se completam, se amam e interagem exatamente porque são diferentes. A mulher não busca uma identidade física e emocional masculina, e nem o homem busca uma identidade física e emocional feminina. Os seres humanos buscam a felicidade, sonhos conjuntos, e nesse sentido buscam um convívio, uma partilha. Aliás, a partilha é outro desafio, dos olhares, das compreensões a partir de caminhos que se afastam e se encontram.

IHU On-Line – A filosofia é machista? Por que tão poucas mulheres são reconhecidas e respeitadas por seu pensamento, enquanto filósofas?

Cecília Pires – Essa é uma pergunta recorrente. Costumo dizer que na história da filosofia são poucas as mulheres que se apresentam e são reconhecidas como pensadoras. Se recorrermos à história da filosofia antiga, isso é quase nulo. Menciona-se a mulher de Sócrates, apenas. O que percebo é que o mundo do pensamento ficou muito associado ao mundo masculino, ao mundo do poder. Vimos toda a história da humanidade como se processou, a história da dominação masculina sobre o mundo feminino e é claro que isso se refle-

tiu na história da igreja e da humanidade. O século XX, nesse sentido, recompôs essa situação, e as mulheres tiveram mais condições de trabalho, estudo e investigação e aí, nas universidades, abriram-se lugares para as mulheres. Contemporaneamente, não se pode dizer que existe propriamente uma discriminação das mulheres na filosofia. As mulheres estão presentes na filosofia como professoras, escritoras, investigadoras. A Unisinos é um exemplo disso. No nosso colegiado do PPG, somos em três mulheres³⁰. O número de homens é maior, mas isso é uma contingência.

Em outras universidades que trabalhei, onde eu era a única mulher professora de filosofia, quando me aposentei, foram feitos vários concursos e até hoje não tenho notícia de que entrou uma mulher sequer nesse local. Então, fico me perguntando se realmente não houve inscrições de candidatas mulheres. É impossível que não tenha havido, com tantas mestres e doutoras formadas nesse tempo todo. Mas fica a interrogação: por que a predominância do elemento masculino? Penso que esses espaços, contudo, estão se abrindo mais, embora também aí haja preconceito. Já tive professores, enquanto eu fazia minha formação, que perguntavam “como você vai ser uma pesquisadora tendo quatro filhos?”, como se meu processo de gestação de filhos pudesse impedir meu processo de geração de conhecimento. Sempre vivi e enfrentei muito esse tipo de comentário.

Mulheres filósofas

São poucas as mulheres filósofas que o público conhece: Hannah Arendt³¹, Edith Stein³², Simone Weil³³, por conta inclusive pela forma com que algumas conseguiram chegar ao mundo

³⁰ O curso de filosofia da Unisinos conta hoje com as professoras Cecília Pires, Anna Carolina Regner e Sofia Alborno Stein.

³¹ **Hannah Arendt** foi uma teórica política alemã, muitas vezes descrita como filósofa, apesar de ter recusado essa designação. Emigrou para os Estados Unidos durante a ascensão do nazismo na Alemanha e tem como sua magnum opus o livro *Origens do Totalitarismo*.

³² **Edith Theresa Hedwing Stein** foi uma religiosa alemã, a última de onze irmãos de uma família judia que professava o Judaísmo. Faleceu aos 51 anos asfixiada numa câmara de gás, em 1942, no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. Foi professora de Filosofia, sendo discípula de Edmund Husserl e secretária particular desse filósofo.

³³ **Simone Adolphine Weil** foi uma escritora, mística e filósofa francesa, tornou-se operária da Renault para escrever sobre o cotidiano dentro das fábricas, lutou na Guerra Civil Espanhola ao lado dos republicanos e morreu em greve de fome, protestando contra as condições em que eram mantidos os prisioneiros de guerra na França ocupada.

público e ter suas obras recebidas, acolhidas e debatidas. Penso que daqui para frente as coisas podem ser mais profícuas, mais efervescentes. Sem dúvida, passaram-se muitos séculos de silenciamento da mulher, de renúncias. Sabemos de casos de outras universidades no Brasil onde essa questão do masculino e do feminino no mundo do pensamento ainda é conflitiva. Ouvimos falar dos embates públicos entre mulheres filósofas e homens filósofos. Eu não saberia, entretanto, dizer se isso ocorre por conta do machismo, do preconceito ideológico, das reticências culturais, da má formação compreensiva acerca do que é o humano. Talvez todas essas razões juntas poderiam identificar esse problemas.

IHU On-Line – Autores como Kant e Nietzsche demonstraram misoginia em partes de sua obra. Qual é o fundamento dessa postura, partindo de pensadores que ocupam posições tão elevadas no pensamento contemporâneo?

Cecília Pires – Penso que a misoginia desses autores é algo que não se explica pela racionalidade e pelo brilhantismo filosófico de seus pensamentos. Acredito, isso sim, que há muito um componente cultural que poderia estar atrelado talvez até a problemas pessoais desses filósofos, e tantos outros. Rousseau também tem vários preconceitos relacionados à mulher, por exemplo. Tenho uma amiga que é estudiosa da questão feminina, a professora Maria da Penha Carvalho³⁴, da Universidade Gama Filho. Ela faz vários estudos e textos filosóficos sobre a forma como a mulher é tratada. É algo impressionante. Embora haja filósofos como Stuart Mill³⁵, por exemplo, que tem um excelente reconhecimento sobre o pensamento e compreensão da mulher, de sua vida como profissional. Mas essa questão pode ser atribuída a preconceito, talvez porque também nessa condição cultural e preconceituosa foi atribuído à mulher o

papel de cuidar da prole e fazer todo o zelo doméstico. Com isso, ela não teria tempo para reflexão, amadurecimento, porque se envolve com outras coisas. Felizmente, participo de uma geração em que os companheiros não foram ausentes no cuidado com os filhos e o cuidado com a família, tendo a mesma responsabilidade feminina. Mas sei de várias colegas que não conseguiram construir sua carreira de investigação e pesquisa por conta de não ter o apoio do seu companheiro.

Voltando à misoginia de Kant e Nietzsche, mesmo sem ter formação psicanalítica, penso que ela está muito ligada às suas personalidades. Nietzsche teve problemas com sua mãe, e sua irmã o oprimia. Kant viveu a vida toda sozinho, não porque não se casou, mas parece que suas relações de afeto não se consolidavam. Assim, penso que se as pessoas são mal amadas, mal resolvidas, para usar uma expressão bem popular e conhecida, elas se tornam feias por dentro, e por isso produzem uma cólera acerca do mundo, e uma ira acerca da outra parte da humanidade que não é ele mesmo.

IHU On-Line – Atualmente, no Brasil e no exterior, que expoentes femininas se destacam no campo filosófico?

Cecília Pires – No Brasil, eu destacaria Marilena Chaui³⁶. Penso que ela é uma excelente pesquisadora, uma pessoa séria, comprometida politicamente e que, na realidade, talvez tenha vivido preconceito e situações machistas dentro da própria USP. Fazer filosofia é criar, não é ser repetitivo. Fazer filosofia simplesmente repetindo o que os filósofos já disseram sem um processo de acréscimo, de construção e compreensão do novo a partir das categorias já estudadas também é problemático. É evidente que não se está reconstruindo a roda e reinventando a ciência. Não podemos desconhecer o que já foi feito antes de nós, mas não podemos ser apenas repetidores das coisas já ditas e já lidas. Um

³⁴ **Maria da Penha Maia Fernandes** é uma biofarmacêutica brasileira que lutou para que seu agressor viesse a ser condenado. Com 60 anos e três filhas, hoje ela é líder de movimentos de defesa dos direitos das mulheres, vítima emblemática da violência doméstica.

³⁵ **John Stuart Mill** foi um filósofo e economista inglês, e um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX. Foi um defensor do utilitarismo, a teoria ética proposta inicialmente por seu padrinho Jeremy Bentham.

³⁶ **Marilena de Sousa Chaui** é uma historiadora de filosofia. Professora de Filosofia Política e História da Filosofia Moderna da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

dos sintomas grandes da nossa inteligência é a capacidade de criar, a partir inclusive desse caminho compartilhado que é o da ciência, da filosofia. E nesse aspecto Chaui se destaca.

Penso que hoje há várias mulheres que discutem a questão feminina, como na Espanha, México, na América Latina como um todo. No ano passado, saiu um livro, organizado por um professor cubano que vive na Alemanha, Raúl Betancourt³⁷, que fez um estudo sobre o pensamento e o trabalho feminino na América Latina. Ele destaca várias pessoas nesse sentido. Eu comentava com o próprio autor dessa obra o quanto era singular o fato de um homem tomar essa iniciativa. Ele coloca a mim e a professora Magali de Menezes³⁸, da Feevale, como pessoas que têm um trabalho filosófico na América Latina, o que me honra muito.

IHU On-Line – Mulheres como Dorothy Stang³⁹ e Simone de Beauvoir contribuíram, cada uma do seu modo, para quebrar estereótipos e lutaram por suas causas. Como seu legado nos ajuda a compreender melhor o papel das mulheres na sociedade?

Cecília Pires – Dorothy e Simone tiveram um papel exponencial na afirmação dum feminino como projeto efetivo de liberdade. Quando Simone diz que não se nasce mulher, mas torna-se mulher, ela vai mostrar isso com a afirmação cultural do feminino. Penso que as coisas que se apresentam nesses casos são o grande enfrentamento e autonomia que elas tiveram diante de preconcei-

tos. Várias ideias de Simone são atribuídas a Sartre, o que de certa forma é uma injustiça, pois se aprofundarmos e investigarmos sua vida, como venho fazendo, pois sou pesquisadora de Sartre⁴⁰, muitos insights do que ele escrevia vinham de ideias e discussões que tinha com sua companheira. O originário era muito mais dela, do que dele. Ele era a pessoa que, de certa forma, publicizava mais, pois escrevia mais, ocupava o lugar social da produção e da editoração dos seus textos.

Já a irmã Dorothy teve todo um compromisso efetivo com a questão social, dos oprimidos e vitimados. Há várias mulheres que também foram líderes, desde Madre Teresa de Calcutá⁴¹ até líderes indígenas da América Latina. Essas pessoas mostram que, quando tomada por uma ideia, a mulher tem uma coerência quase que absoluta. Ela vai em frente, e muitas vezes viram vítimas. Esse é um legado que mostra para as gerações novas que as coisas são possíveis de serem feitas. Quando falo de que o grande desafio hoje é da paz, penso que devemos desejar a paz. Falamos muito em ética, e a grande revolução que a humanidade precisa é uma revolução ética, que deve ter como pilares a justiça e a paz. Talvez a mulher tenha um grande papel aí, superando as desigualdades, necessidades, para que possamos viver, efetivamente, num mundo de liberdade. Por que enquanto estivermos envolvidos com a necessidade, não atingimos a plenitude e a liberdade. Isso se apresenta na história dos povos de modo mais ou menos intenso.

³⁷ O filósofo e teólogo cubano **Raúl Fernet-Betancourt** é figura de ponta da filosofia da libertação latinoamericana, professor na Universidade de Bremen e professor honorário de filosofia na Universidade de Aachen, diretor do Departamento Latino-americano do Instituto de Missionologia de Aachen, Alemanha.

³⁸ **Magali de Menezes** é uma filósofa brasileira.

³⁹ **Dorothy Mae Stang** foi uma religiosa estadunidense naturalizada brasileira. Pertencia às Irmãs de Nossa Senhora de Namur, congregação religiosa fundada em 1804 por Santa Julie Billiart e Françoise Blin de Bourdon. Dorothy estava presente na Amazônia desde a década de setenta junto aos trabalhadores rurais da Região do Xingu. Sua atividade pastoral e missionária buscava a geração de emprego e renda com projetos de reflorestamento em áreas degradadas, junto aos trabalhadores rurais da área da rodovia Transamazônica. Seu trabalho focava-se também na minimização dos conflitos fundiários na região. Foi assassinada, com seis tiros, um na cabeça e cinco ao redor do corpo, aos 73 anos de idade, no dia 12 de fevereiro de 2005 em uma estrada de terra de difícil acesso, à 53 quilômetros da sede do município de Anapu, no Pará.

⁴⁰ **Jean-Paul Charles Aymard Sartre** foi um filósofo francês, escritor e crítico, conhecido representante do existencialismo. Acreditava que os intelectuais têm de desempenhar um papel ativo na sociedade. Era um artista militante, e apoiou causas políticas de esquerda com a sua vida e a sua obra.

⁴¹ **Madre Teresa de Calcutá** foi uma missionária católica albanesa, nascida na República da Macedônia e naturalizada indiana beatificada pela Igreja Católica. Considerada a missionária do século XX, concretizou o projeto de apoiar e recuperar os desprotegidos na Índia. Através da sua congregação “Missionárias da Caridade”, partiu em direção à conquista de um mundo que acabou rendido ao seu apelo de ajudar o mais pobre dos pobres.

O posicionamento feminino no contexto da cibercultura

*Entrevista com Adriana Braga*⁴²

“Não acredito que a possibilidade de mudança na representação feminina esteja na tecnologia, mas na cultura que utiliza esta tecnologia para se expressar”, afirma a Prof.^a Dr.^a Adriana Braga, em entrevista concedida, por e-mail, à revista **IHU On-Line**. Neste sentido, ela também aponta para o conceito de maternidade eletrônica, uma relação de controle sobre os filhos que não implica diretamente em confiança. “Se, por um lado, os aparatos tecnológicos podem auxiliar pais e mães no monitoramento, por outro lado, podem auxiliar filhos e filhas em suas estratégias para burlar este controle”, enfatiza Adriana.

Adriana Braga é doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. É autora do livro *Personas Materno-Eletrônicas: uma análise do blog Mothern* (Editora Sulina, 2008) e organizadora do livro *CMC, Identidades e Gênero: teoria e método* (Editora UBI, Portugal, 2005). Nas **Notícias do Dia** 5-10-2006, do sítio do IHU, foi publicada uma nota intitulada “Feminilidade mediada pelo computador”, a qual se refere à tese de Adriana, que já contribuiu com a edição número 40 dos *Cadernos IHU ideias*, de 07-10-2005, sob o título *Corpo e agenda na revista feminina*.

A seguir, a entrevista:

IHU On-Line – O aumento das tecnologias na vida cotidiana não sinaliza parar. Quais são as vantagens e desvantagens de permi-

tir que estes meios se insiram cada vez mais nas relações sociais?

Adriana Braga – As mudanças socioculturais consequentes do avanço tecnológico são fenômenos que não pedem permissão para ocorrer, ou seja, são inevitáveis. Os avanços são impulsionados pela própria demanda do mercado consumidor. A única maneira de controlar a inserção de uma tecnologia na cultura é através de políticas que regulamentem sua implementação. Uma vez implementada uma tecnologia – seja de comunicação ou outra –, é impossível prever os modos de apropriação e usos pelos diversos grupos ou indivíduos que tiverem acesso a ela. Sendo assim, questões relativas à redistribuição do poder e a grupos que se beneficiam ou prejudicam com a inserção da tecnologia devem ser avaliadas antes da autorização de seu funcionamento. Depois, o fenômeno segue seu curso. Sobre vantagens e desvantagens, somos beneficiários e vítimas desses meios, experimentamos cotidianamente os embaraços de poder encontrados em qualquer parte e a qualquer momento por meio do celular ou nos livrarmos de sérios apuros com o mesmo aparelho.

IHU On-Line – O que se pode esperar de uma sociedade cada vez mais tecnológica, especificamente no que diz respeito à imagem feminina?

Adriana Braga – A imagem feminina tem sido representada nas mais diversas sociedades de todos os períodos históricos, em tecnologias também diversas. Não acredito que a possibilidade de mudança na representação feminina esteja na tec-

⁴² Entrevista concedida à **Revista IHU On-Line** de 03 de março de 2008.

nologia, mas na cultura que utiliza esta tecnologia para se expressar. Assim, a solução da exploração da imagem feminina, sob uma perspectiva sexista, é política, e depende de iniciativas igualmente políticas. De certa forma, o YouTube é a pintura rupestre do nosso tempo, um registro imagético da nossa cultura.

IHU On-Line – Mesmo que os homens estejam cada vez mais participativos das tarefas domésticas, são as mulheres que ainda têm este domínio. Entre estes gêneros, há quem seja mais favorecido com o surgimento e ascensão da cibercultura?

Adriana Braga – As mudanças ocorrem na cultura. A tecnologia, no caso da Internet, forneceu um novo ambiente para as trocas sociais, mais um espaço de expressão para a cultura já estabelecida. Por exemplo, ainda são os homens que se destacam no domínio tecnológico, ocupando quantitativa e qualitativamente os lugares promovidos por esta atividade. A Internet participa como um complemento da sociedade, reproduzindo seus problemas.

IHU On-Line – São inúmeras as tecnologias que prometem facilitar a vida em sociedade. No entanto, algumas remetem à ideia de monitoramento, como pagers e telefones celulares. De que forma a cibercultura contribui para que os pais tenham cada vez mais controle sobre os filhos?

Adriana Braga – Tenho dúvidas de que o objetivo dos pais e mães seja controlar cada vez mais os filhos. Se, por um lado, os aparatos tecnológicos podem auxiliar pais e mães no monitoramento, por outro lado, podem auxiliar filhos e filhas em suas estratégias para burlar este controle. Ou seja, as relações de confiança estabelecidas entre familiares não são determinadas pelo suporte técnico em que ocorrem.

IHU On-Line – Esse tipo de relação (controle) interfere na privacidade e nos direitos dos filhos? Até que ponto a cibercultura pode ser positiva?

Adriana Braga – Esse tipo de relação não é novidade alguma. Pai e mãe sempre procuraram monitorar os movimentos dos filhos, seja pela troca de informações entre a vizinhança, pela inscrição em colégios internos ou pelos celulares. A cibercultura é um território amplo, que inclui ambientes diferentes. As pessoas usam cada uma dessas estruturas conforme a conveniência de cada situação específica.

IHU On-Line – Diante da cibercultura, a imagem feminina, no papel de mãe, não tende a perder valor?

Adriana Braga – É interessante notar que o ambiente midiático-tecnológico da cibercultura parece oferecer um espaço renovado para a recuperação de uma prática tradicional feminina de troca de saberes entre mulheres, envelhecida nos contextos sociais tradicionais. Enquanto a conversação entre mulheres sobre filhos, vida conjugal e doméstica tem sido desvalorizada socialmente, enquadrada como conversa fútil e desinteressante, nos ambientes sociais da Internet, essa mesma temática se estabelece sem a conotação pejorativa e, ao contrário, é entendida positivamente, como prática de mulheres modernas pelo engajamento tecnológico.

IHU On-Line – E qual é o reflexo nas crianças que crescem inseridas no contexto da cibercultura?

Adriana Braga – As gerações mais recentes estão cada vez mais familiarizadas com os ambientes proporcionados pela tecnologia de comunicação. Vivemos uma fase de transição, na qual as gerações mais velhas ainda não dominam os códigos da cibercultura, que são corriqueiros para a geração mais jovem. Entretanto, em pouco tempo mesmo os mais velhos estarão aculturados e o domínio dos jovens neste âmbito será relativizado. A influência do contato com a cibercultura na formação de uma criança é e sempre será impossível de discernir ou mensurar. Qualquer característica que a criança apresente será motivada por múltiplos fatores, sendo equivocada uma redução a apenas um deles. Mas uma coisa é certa: como qualquer outra influência a que a criança esteja

exposta, a atividade on-line deve ser orientada e acompanhada pelos responsáveis. A mediação familiar no consumo desses meios muitas vezes é mais importante do que o próprio conteúdo.

IHU On-Line – Qual é a contribuição das nanotecnologias para este novo conceito de sociedade que está se moldando, o qual imerge na cibercultura?

Adriana Braga – As nanotecnologias possibilitam levar os aparatos comunicativos no bolso, entendendo e modificando a natureza e os locais de

ocorrência das interações comunicativas. As alterações decorrentes configuram o “novo conceito de sociedade”, mas apenas para uma parcela social dominante, conectada às redes sociais de relacionamento da rede. Cabe ressaltar que, mesmo com a queda dos preços dos equipamentos, o acesso a essas tecnologias continua a ser muito restrito, principalmente em países periféricos como o Brasil. Se no mundo há mais de um bilhão de pessoas usuárias destas tecnologias, há quase seis bilhões de excluídos deste grupo privilegiado.

Temas dos Cadernos IHU em formação

- Nº 01 – *Populismo e Trabalhismo: Getúlio Vargas e Leonel Brizola*
- Nº 02 – *Emmanuel Kant: Razão, liberdade, lógica e ética*
- Nº 03 – *Max Weber: A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*
- Nº 04 – *Ditadura – 1964: A Memória do Regime Militar*
- Nº 05 – *A crise da sociedade do trabalho*
- Nº 06 – *Física: Evolução, auto-organização, sistemas e caos*
- Nº 07 – *Sociedade Sustentável*
- Nº 08 – *Teologia Pública*
- Nº 09 – *Política econômica. É possível mudá-la?*
- Nº 10 – *Software livre, blogs e TV digital: E o que tudo isso tem a ver com sua vida*
- Nº 11 – *Idade Média e Cinema*
- Nº 12 – *Martin Heidegger: A desconstrução da metafísica*
- Nº 13 – *Michel Foucault: Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética*
- Nº 14 – *Jesuítas: Sua Identidade e sua Contribuição para o Mundo Moderno*
- Nº 15 – *O Pensamento de Friedrich Nietzsche*
- Nº 16 – *Quer Entender a Modernidade? Freud explica*
- Nº 17 – *Hannah Arendt & Simone Weil – Duas mulheres que marcaram a Filosofia e a Política do século XX*
- Nº 18 – *Movimento feminista: Desafios e impactos*
- Nº 19 – *Biotecnologia: Será o ser humano a medida do mundo e de si mesmo?*
- Nº 20 – *Indústria Calçadista: Quem fabricou esta crise?*
- Nº 21 – *Rumos da Igreja hoje na América Latina: Tudo sobre a V Conferência dos bispos em Aparecida*
- Nº 22 – *Economia Solidária: Uma proposta de organização econômica alternativa para o País*
- Nº 23 – *A ética alimentar: Como cuidar da saúde e do Planeta*
- Nº 24 – *Os desafios de viver a fé em uma sociedade pluralista e pós-cristã*
- Nº 25 – *Aborto: Interfaces históricas, sociológicas, jurídicas, éticas e as conseqüências físicas e psicológicas para a mulher*
- Nº 26 – *Nanotecnologias: Possibilidades e limites*
- Nº 27 – *A monocultura do eucalipto: Deserto disfarçado de verde?*
- Nº 28 – *A transposição do Rio São Francisco em debate*

- Nº 29 – *A sociedade pós-humana: A superação do humano ou a busca de um novo humano?*
- Nº 30 – *O trabalho no capitalismo contemporâneo*
- Nº 31 – *Mística: Força motora para a gratuidade, compaixão, cortesia e hospitalidade*
- Nº 32 – *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*
- Nº 33 – *A família mudou. Uma reflexão sobre as novas formas de organização familiar*
- Nº 34 – *A crise mundial do capitalismo em discussão*
- Nº 35 – *Mediatização: Uma análise do processo de comunicação em rede*
- Nº 36 – *O Universal e o Particular*